



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS E SAÚDE**



**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS TERREIROS:
Uma prática para o favorecimento da saúde e para o fortalecimento da cultura
africana nos centros umbandísticos de Imperatriz – MA**

ÉRIKA FERREIRA TOURINHO

Goiânia – Goiás

2013



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS E SAÚDE**



**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS TERREIROS:
Uma prática para o favorecimento da saúde e para o fortalecimento da cultura
africana nos centros umbandísticos de Imperatriz – MA**

ÉRIKA FERREIRA TOURINHO

Orientador: Prof. Dr. Nivaldo dos Santos

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Saúde, da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais e Saúde.

Goiânia – Goiás

2013

À meu pai Washington Tourinho (*in memoriam*), meu grande, único e verdadeiro amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o grande arquiteto do universo, por ser ele onipotente, onipresente, onisciente.

A Fé, pois só por ela atingimos nossos desejos mais difíceis.

A minha mãe, Maria Amélia Tourinho, matriarca de um clã rodeado de amor ao próximo por ser ela um exemplo maior de mulher, mãe e amiga.

Aos meus amores, meus filhos, João Marcelo Tourinho, Dandara Tourinho, Ana Vera Tourinho e João Manoel Tourinho, razão maior de toda a minha vida, por eles eu luto, eu desejo e eu consigo. A eles peço desculpas por todas as minhas ausências.

Aos meus Irmãos Ana Vera Tourinho (*in memorian*), Valdeci Goltzman (*in memorian*), Claudia Tourinho, Avelino da Silva, Isidoro Tourinho, Josana Ferreira, Washington Tourinho e Mary Angélica que mesmo distante sempre estão perto nos momentos mais difíceis da vida.

Aos meus sobrinhos, Mauro Rodnei, Valdecy Junior, Ana Karolline, Patrícia, Avelino Junior, Rebeca, Renata, Arthur, Ciro e a mais linda surpresa de Deus na família Sophia.

A minha tia Valderez Ferreira da Silva, mais que uma tia, uma verdadeira mãe.

A Manusa da Silva Chaves, minha companheira de todas as horas, amiga de todos os momentos, irmã de alma, mãe de espírito e filha de todas as vidas.

As minhas amigas irmãs, Adriana Soares, Albetiza Linhares e Deuzamar, prova maior que não necessitamos de laços de sangue para nos sentirmos completas.

As Minhas companheiras de luta, Hércia Regina, a “numero 1”, pelas madrugadas acordada e a mão amiga passada em um olhar carinhoso quando as palavras não valeriam; Lília Castelo Branco, meu docinho, que no momento da desistência segurou em minha mão e do seu jeito “maluquinho” disse: *desistir, jamais; eu tô pôde é? Nunca mainha, nunca, só se eu não existisse*. Amo vocês.

As minhas meninas do Pró-Técnico: Terezina Amorim e Rejane Oliveira, por tomarem para si os problemas que seriam meus.

Aos meus companheiros de estrada: Daisy Castro, Jullys Allan e, Osvaldo Theodoro, por dividirmos nossas angustias e alegrias em 28.000 km da Belém Brasília, nossas camas e nossas intimidades.

Aos amigos, muito mais que de trabalho, Witemberg Gomes Zapparolli, Francisco Cutrim, Antônio Souza e Paola Letícia Damasceno, sei o quanto torceram por mim.

À Hilma Milhomens de Abreu, espelho de luta pela vida onde todos deveriam se mirar a cada novo amanhecer. Mãe querida e admirada. Agradeço a Deus todos os dias por ter me proporcionado esse encontro de almas.

À Sandro Manoel Santana Pinheiro, pelo companheirismo e incentivo para que eu chegasse até o fim. Mesmo com todos os percalços da vida, ficou o verdadeiro amor o da amizade.

Ao Professor Dr. Nivaldo dos Santos, por sua calma, elegância e Rigidez sem nunca perder a ternura, exemplo maior que títulos necessariamente não têm que vir acompanhados de arrogância..

A Professora Dra. Vanessa da Silva Carvalho Villa, exemplo admirável no papel fundamental no processo de ensino aprendizagem; com seu jeito doce me fez encontrar e apaixonar pelo estudo etnográfico de tal forma que cada livro lido escutava sua voz na exposição das palavras.

As professoras, Dra. Eline Jonas e Dra. Maira Barbéri, mulheres admiráveis, exemplos de sabedoria e humanidade.

Aos funcionários do programa de mestrado da PUC, em especial Jader Alves Gomes, sempre dispostos a ajudar, alegres e preocupados com nosso cansaço.

Aos sujeitos de minha pesquisa em especial a todos os participantes do Terreiro de Santana que abriram seus maiores segredos deixando sempre as portas abertas dispostos a colaborar por mais esdrúxulo que parecessem os pedidos.

Aos companheiros de trabalho da Unisulma, sempre preocupados, observadores dos nossos passos, torcendo por nossa vitória. Não citarei nomes para não cometer injustiças.

A doença que por mais que pareça aos outros o fim, para nós, foi só mais um recomeço.

A Vida, que só sabe sua importância quem por um dia acredita que pode perdê-la. É bonita, é bonita e é bonita.

O SER HOMEM

Quando o homem perceber que faz parte de uma sociedade e que o bom andamento de sua vida está proporcionalmente ligada a de um grupo, onde de seus atos surgirão reflexos que podem construir ou destruir a felicidade de todos, ele perceberá que sua felicidade também esta diretamente ligada a do outro.

Religião e Cultura não deveriam ser instrumentos de ablação social e sim integralização.

Deles depende uma consciência formal contribuidora na aquisição da Saúde a qual só esta completa quando o meio assim propicia e é pela educação que ele conseguirá tal fim.

Nota-se então que o homem, a natureza, a religião, a saúde e a educação fazem parte do maior movimento cíclico coletivo, onde o ponto de partida e de chegada sem duvida é o amor ao próximo, primordial fundamento da lei de Deus.

Érika Tourinho

RESUMO

A presente pesquisa gravita em torno da educação, educação ambiental, saúde e religiosidade dos povos de terreiro, em particular a Umbanda buscando evidenciar suas características naturais presentes em um contexto histórico e antropológico mas que se mantém vivo até os dias atuais mesmo com tantas transformações ao longo dos tempos. Tais transformações revertem em um Sincretismo acentuado por terem os negros, desde sua história, feito suas vidas no que diz respeito a família, cultura, sociedade e religiosidade. Delimitamos a investigação a uma amostra dos processos ritualísticos da Umbanda, escolhida com base nas exigências da temática do trabalho, no caso o Terreiro de Santana na cidade de Imperatriz no Maranhão, por ter aberto suas portas à pesquisa tanto para investigação quanto para ideias implantadas no decorrer do trabalho. Assim, como esta pesquisa determinou como sujeitos os líderes, bem como frequentadores do terreiro. Nesse contexto, investigar a partir da amostra “Discutir a correlação da natureza como fonte matricial nos processos ritualísticos da Umbanda com a prática da educação ambiental e o processo de saúde” é a questão central que nos movimenta na construção desta pesquisa, para tal organizamos este trabalho em torno das seguintes aspirações: Realizar uma abordagem histórico-antropológica dos escravos negros no Brasil para situarmos os sujeitos e o campo desta pesquisa e nos dar embasamento para refletir sobre como se inter-relacionam identidade-cultura-saúde e religiosidade, para então compreender a sua importância para o reavivamento cultural deste povo e a resignificação da religiosidade, no intuito de nos auxiliar a identificar as possíveis formas de contribuição da educação ambiental na resignificação da religião. Para isso, delineamos uma pesquisa bibliográfica para dar suporte aos dados que foram apreendidos através da pesquisa de campo etnográfica, a qual constatou que essas narrativas trazem de mais forte na identificação de um povo.

Palavras-chave: Educação. Educação Ambiental. Religiosidade. Saúde. Resignificação.

ABSTRACT

The present study orbits around education, environmental education, health and religiosity of people who frequents spiritual folkways temples, especially Umbanda, aiming to show its natural characteristics present in a historical and anthropological context, but which is alive until nowadays even with so much transformation throughout the ages. That transformation reverses in an accentuated Syncretism since black people rebuilt their family and cultural-religious-society lives through their history. We delimit this research to a sample of ritualistic process of Umbanda, selected based on demand of this research subject, in this case Terreiro de Santana, in the city of Imperatriz, State of Maranhão, since they opened their temple doors both for our research and investigation as the ideas introduced throughout the entire work. Thus, this research determined as subject the leaders, as well those that frequent the temples (terreiros). In this context, examine from samples “Discuss the nature correlation as a source of matrix in the Umbanda ritualistic process with the Environmental Education and the health process” that is the central question that moves us in this research construction, for this we organized the work around the following aspirations: To realize a historical-anthropological approach of the black slaves in Brazil in order to situate the subjects and the research field and give us a base to reflect how they interrelate identity culture health and religious, and then comprehend its importance for the cultural revival and religiosity resignation of this people, in order to help us to identify the possible ways that the Environmental Education contributes to the religiosity resignation. We designed a bibliographic research to support our data that we collected during the ethnographic field research. This research concluded that these narratives bring what is stronger in people identification.

Keywords: Education. Environmental Education. Religiosity. Health Resignation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Área de Plantio do Terreiro de Santana – Imperatriz-MA.....	16
Figura 2:	Área de Plantio do Terreiro de Santana – Imperatriz-MA.....	17
Figura 3:	Área de Plantio do Terreiro de Santana – Imperatriz-MA.....	17
Figura 4:	Porta de Entrada do Salão do Terreiro de Santana – Imperatriz-MA.....	19
Figura 5:	Mãe de Santo do Terreiro de Santana – Imperatriz-MA.....	20
Figura 6:	Juremeiro do Terreiro de Santana – Imperatriz-MA.....	21
Figura 7:	Filha de Santo do Terreiro de Santana – Imperatriz-MA.....	22
Figura 8:	Terreiro de Santana – Imperatriz-MA.....	23
Figura 9:	Salão do Terreiro de Santana – Imperatriz-MA.....	23
Figura 10:	Altar Principal do Terreiro de Santana – Imperatriz-MA.....	24
Figura 11:	Mãe de Santo Fundadora do Terreiro de Santana – Imperatriz-MA.....	26

SUMÁRIO

1	ABRINDO OS TRABALHOS.....	10
2	OBJETIVOS.....	14
2.1	Objetivo Geral.....	14
2.2	Objetivos Específicos.....	14
3	PERCORRENDO OS TAMBORES: “ENTÃO: VAMOS BAIÁ...”.....	15
3.1	Os umbandistas e a pesquisa: ouvindo os batuques de uma história.....	15
3.1.1	Quem ouvimos: sujeitos informantes/ co-pesquisadores.....	15
3.1.2	Por onde andamos ouvindo os batuques dos tambores: universo da pesquisa.....	18
3.1.3	Instrumento das descobertas, das escutas e andanças: procedimento para apreensão de dado.....	24
3.1.4	Formas de olhar o que ouvimos/ sentimos/ apreendemos: procedimentos de análise de dados.....	28
4	MATRIZES E CAMINHOS DE CHEGADA.....	29
4.1	Encontros e Desencontros.....	29
4.2	A verdadeira Refazenda.....	35
5	UMBANDA.....	44
5.1	De onde vem e como chegou.....	44
5.2	Evolução: construção e reconstrução dos ritos.....	49
5.3	Pontos de conflitos.....	52
5.3.1	Evolução dos tempos X resignificação da cultura.....	55
5.3.2	Territorialidade.....	61
6	EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	66
6.1	Educar para sobreviver.....	70
6.1.1	Ao apagar das luzes: alternativa para o fortalecimento da cultura.....	74
6.1.2	Representação coletiva: uma prática para o fortalecimento da saúde de um povo.....	78
7	FECHANDO OS TRABALHOS.....	84
	REFERÊNCIAS.....	86
	APÊNDICES.....	91
	ANEXO.....	96

1 ABRINDO OS TRABALHOS

Falar em educação, saúde e religião, é arriscar-se em uma amplitude de conhecimentos arreados a preconceitos que em uma análise antropológica, filosófica e teológica nos mostra uma árdua luta ao longo dos tempos entre os diversos paradigmas que se impuseram no processo histórico desses três fatores da vida em sociedade, que se interligam em muitos aspectos.

Dessa forma, não se pode discutir sobre saúde esquecendo-se de educação, pois são duas peças de um mesmo contexto incapaz de caminharem separadas visto que as ações educativas fomentam o desenvolvimento da saúde e não se concebe que um ser esteja preparado para o ensino aprendido sem que o mesmo não tenha as condições mínimas de saúde.

Com o passar dos tempos a educação foi recebendo enfoques diferenciados pelos quais não mais se concebe pontuar que o adequado seja um estudo fragmentado ou compartimentado, pois deve se levar em conta o contexto no qual estarão inseridos o objeto de estudo.

Nesse cenário, a discussão sobre a educação do futuro, mostra-se preocupada em ensinar condições para a melhoria do convívio e da existência humana, através de ensinamentos sobre o cuidar e ser cuidado, buscando uma prática de cuidado intensivo na troca do aprendizado humano nas diversas instâncias do ser: político, físico, religioso, entre outras.

Nessa concepção se reconhece que a humanidade comum e ao mesmo tempo as diversidades culturais são inerentes a tudo que é humano e se situa no universo e não se separa dele (MORIN, 2006).

Logo, ainda segundo Morin (2006, p. 52-53) em sua visão pós-moderna:

A mente humana é uma criação que emerge e se afirma na relação cérebro-cultura. Com o surgimento da mente, ela intervém no funcionamento cerebral e retroage sobre ele. Há, portanto, uma tríade em circuito entre cérebro/mente/cultura, em que cada um dos termos é necessário ao outro. A mente é o surgimento do cérebro que suscita a cultura, que não existiria sem o cérebro.

Assim, neste estudo buscar-se-á refletir sobre as formas de interconexão que a educação propicia entre a religião e a saúde.

No contexto sócio-político brasileiro, mais especificamente no que se refere à religiosidade, sabe-se que o Brasil é um país ecumênico, onde a laicidade é um direito constitucional. Porém, isso não se efetiva na prática, por isso podemos afirmar que se vive uma pseudodemocracia, já que cotidianamente o país católico apostólico romano com grande parte de sua população (re)adaptada à doutrina protestante de origens européia e americana, convive com práticas de preconceito religioso, principalmente contra os praticantes de religiões de matriz africana. (FERRETTI, 1995).

No entanto, apesar da discriminação, é notória a expressividade das religiões africanas, muito embora sejam consideradas inferiores pelo fato de que tiveram sua porta de entrada no país com a chegada dos escravos vindos da África, logo consideradas marginalizadas (SARACENI; XAMAN, 2003).

É importante ressaltar que educação e religião caminham lado a lado nas práticas religiosas de matriz africana, em especial no período da escravidão negra no Brasil, pois a educação para os negros, na época, era de responsabilidade dos *Griots*, homens africanos com a missão de educar através de trovas.

Eles exerciam com sabedoria essa função, passando um conhecimento empírico e mitológico mediando uma comunicação em uma sociedade hierárquica e autoritária através de uma tradição oral que se valia de uma linguagem mais livre, sobressaindo o compromisso com os valores religiosos (HERNANDES, 2008).

Quanto à origem dessas religiões, existem diversas histórias sobre o seu surgimento no Brasil. Segundo Saraceni; Xaman(2003) o Candomblé foi a “primeira de todas e até hoje é a que mais predominas regiões brasileiras”, sendo que abrange a maior parte dos estados da federação, principalmente nos estados do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas.

Já no Maranhão, a Umbanda é a mais praticada, vale frisar que apresenta peculiaridades próprias da região que a difere das demais (PRANDI, 2005).

Muitos são os mitos sobre o surgimento e o desenvolvimento da Umbanda, que de acordo com as pesquisa data de aproximadamente uns trezentos anos e sua história é marcada pela resistência por parte de seus praticantes, que para burlar a repressão a essa religião adaptavam as práticas umbandísticas aos rituais católicos, camuflando suas crenças na imagem de santos europeus.

Nesse sentido, conta-se também que o gesto de bater a cabeça no chão como reverência surge pelo motivo de terem que enterrar seus símbolos para

escondê-los dos senhores e esta seria a forma de saudação e respeito ao que estava escondido(SARACENI; XAMAN, 2003).

Sendo que os negros africanos nos períodos do Brasil colônia e monarquia resistiram em uma esfera cultural ampla, adotando estratégias que permitiram com que seus valores sobrevivessem, mesmo que ressignificados. Assim, como afirma Gil (2007, p.7):

Para continuar resistindo, os africanos submetidos aos cativeiros e seus descendentes tiveram que refazer tudo, refazer linguagem, refazer parentescos, refazer religiões, refazer solidariedade, refazer cultura. Esta foi a verdadeira Grande Refazenda.

Nesse cenário da grande Refazenda a que se refere Gil no excerto acima, o Maranhão é notoriamente marcado pelas religiões de matriz afro. O estado com seus duzentos e dezessete municípios distribuídos em 333.983 Km², territoriais redistribuídos em cinco mesorregiões as quais abrangem as seguintes localidades: centro maranhense, leste, norte, oeste e sul maranhense, apresenta-se como um rico cenário para o estudo das religiões de matriz africana em especial a Umbanda (IBGE, 2012).

A Umbanda por sua vez, única religião tipicamente brasileira (PRANDI, 2005), tem como característica base de seu crédulo a natureza e seus elementos, água, ar, fogo, terra e plantas, sendo que nenhum ritual umbandístico acontece sem a presença de um desses elementos e sem a existência dos mesmos certamente não haveria os ritos da umbanda.

Vale notar ainda que, especificamente quanto às plantas utilizadas nos rituais umbandísticos, há um fator preponderante para o estudo proposto neste projeto determinar como campo para a pesquisa o estado do Maranhão, pois o estado é inserido em uma região de características amazônicas onde existe uma grande amplitude na biodiversidade local, o que favorece em tais práticas.

No entanto apesar de Imperatriz se inserir nessa região de diversidade na flora, atualmente, nos terreiros, já existe uma grande preocupação quanto à falta de determinadas ervas que são utilizadas pelos pais e mães de santos, homens e mulheres que dirigem os centros religiosos de umbanda, mediante o conhecimento empírico repassado por várias gerações, muito embora tais ervas já terem sido substituídas, principalmente pela extinção de muitas delas ocasionada pela

ampliação das cidades e conseqüentemente a derrubada das matas, onde essas ervas eram nativas e de fácil retirada para uso nos banhos bem como nos remédios.

Com a devastação de matas para dar lugar a prédios, casas e avenidas, acaba sumindo o espaço onde poderia se desenvolver diversos projetos de educação ambiental, conscientizando a população em estudo da necessidade dessa preservação pra ampliar cada vez mais os conhecimentos culturais da prática religiosa para benefício da saúde.

Surgem assim, as questões norteadoras deste trabalho: como poderá sobreviver a Umbanda se a cada dia se perde mais dos espaços naturais de onde origina um dos aspectos mais importante para manutenção de sua prática? Como fazer para preservar tais conhecimentos diante da realidade dos terreiros localizados em regiões onde raramente se encontra a aplicabilidade das políticas públicas?

Sabe-se que tal desaparecimento não acontecerá de imediato, pois na vida social os valores não morem de uma vez. Morrem aos poucos de forma sutil ao longo do tempo, até porque eles insistem em se manter vivos, deixando a visão original se manter viva entre tantos teóricos e vão seguindo vivas e ativas nos estudos de impactos ambientais(SOUZA, 2000).

No processo de ensino aprendizagem, não só na questão ambiental, para que a sociedade em geral participe ativamente do processo, temos que conquistar estudiosos a participarem de uma interação social livres de preconceitos, que vislumbre a vivência humana como ferramenta para desenvolvimento educativo, favorecendo assim uma prática alternativa em busca de uma vida saudável.

Assim, embasado nas questões saúde, educação e cultura é que este trabalho vislumbra a uma prática da educação ambiental nos terreiros de umbanda como fortalecimento da cultura africana e para o favorecimento de uma vida saudável a partir de técnicas alternativas de cuidado.

Por tanto, como afirma Souza (2000), se a educação ambiental não preparar os estudiosos para uma prática de inter-relações, irá permanecer cuidando de efeitos. Irá falhar como projeto educativo e não alcançará seus objetivos, trabalhando em vão sem perspectiva de mudança para sobrevivência da cultura Umbandística e sem aplicabilidade para favorecer o bem estar de uma vida saudável.

2OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar a relação da cultura ritualística com a prática da educação ambiental e o processo da saúde nos terreiros de umbanda em Imperatriz/MA.

2.2 Objetivos Específicos

- Investigar os processos ritualísticos da Umbanda desenvolvidos em terreiros de Imperatriz/MA;
- Discutir a correlação da natureza como fonte matricial nos processos ritualísticos da Umbanda com a prática da educação ambiental e o processo de saúde;
- Identificar as possíveis formas de contribuição da prática da educação ambiental para manutenção e fortalecimento dos rituais umbandísticos nos referidos terreiros.

3 PERCORRENDO OS TAMBORES: “ENTÃO: VAMOS BAIÁ...”

3.1 Os umbandistas e a pesquisa: ouvindo os batuques de uma história

[...] de que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição de conhecimentos, e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida em que a questão de saber se pode pensar diferentemente do que sempre se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar e a refletir.

Michel Foucault

Para analisar as expressividades de um povo é fator preponderante conhecê-lo em suas muitas vertentes, assim tornou-se imprescindível para este estudo enfatizarmos informações referentes à historiografia dos Umbandistas, para apresentá-los neste capítulo etnográfico e metodológico, no qual apresentamos os sujeitos, o campo e as técnicas de apreensão e interpretação dos dados para esta pesquisa.

3.1.1 Quem ouvimos: sujeitos informantes/ co-pesquisadores

O povo de terreiros na cidade Imperatriz do Maranhão é de uma tímida representatividade, apesar de não haver um número preciso, até por entender que são muitos os frequentadores, porém poucos adeptos.

A região tem 23 terreiros cadastrados, onde 22 se denominam Umbanda e apenas 01 Candomblé, segundo dados do presidente da Associação de Religiões de Matrizes Africanas da região Tocantina o Sr. Mário Amorim, primeiro sujeito da pesquisa, no entanto não nos valeremos nesta pesquisa de suas falas tendo em vista que o qual foi a óbito no dia 27 de maio de 2012.

Desses 23 terreiros, 15 foram visitados e em 3 encontrou-se boa

receptividade bem como abertura para desenvolver a pesquisa, porém só um contemplaria os objetivos do trabalho. Primeiramente por apresentar área favorável ao trabalho de plantio das ervas onde se deu o início de uma educação ambiental a todos os seus adeptos, moradores ou não. Em um segundo plano por haver um Juremeiro, denominação dada na religião ao conhecedor das ervas, raízes e folhas, a pessoa responsável por preparar os banhos, garrafadas e defumadores, o mesmo que cuida do plantio e da conservação das ervas e raízes utilizadas para a cura. É ele que realiza as consultas de acordo com a mãe ou pai de Santo, chefes do terreiro, não esquecendo o Guia principal, espírito de luz que dá seu nome sempre associado a um santo da igreja católica demonstrando aí o laço de um sincretismo absoluto e respeitado por seus praticantes.

Foto 1: Área de Plantio do Terreiro de Santana – Imperatriz-MA



Fonte: TOURINHO, Érika Ferreira, 2013.

Foto 2: Área de Plantio do Terreiro de Santana – Imperatriz-MA



Fonte: TOURINHO, Érika Ferreira, 2013.

Foto 3: Área de Plantio do Terreiro de Santana – Imperatriz-MA



Fonte: TOURINHO, Érika Ferreira, 2013.

É fato que o sincretismo está presente em todas as religiões não só por

manter princípios diferentes, mas por se notar a necessidade de mudança com a evolução dos tempos bem como pela substituição de seus decanos por representantes mais novos, novos olhares, novos rumos.

3.1.2 Por onde andamos ouvindo os batuques dos tambores: universo da pesquisa

Em um universo de 90 integrantes por terreiros três sujeitos foram escolhidos como representantes de cada função exercida nos trabalhos dos centros umbandísticos: A mãe de santo, que coordena as atividades; o juremeiro, responsável pelo tratamento de cura e limpeza dos que buscam ajuda no terreiro e um membro frequentante e adepto da religião.

No entanto também fez parte dos sujeitos citados na pesquisa o Pai-de-santo do Centro Espiritualista Nossa Senhora do Carmo, um dos terreiros visitados, mas que por não contemplar os objetivos do trabalho, não houve prosseguimento na pesquisa. Porém, a escolha se deu pela profissão exercida pelo sujeito em questão: enfermeiro.

Como se trata de um trabalho de pesquisa que se baseia nas questões de religião, educação, saúde e meio ambiente, não poderíamos ignorar tal situação. Por todos esses requisitos denominou-se esse sujeito de OMOLU, deus africano que possui o poder da saúde e da doença.

O motivo preponderante de nos valermos de um único terreiro se deve ao fato que, entre os terreiros, há uma rivalidade bastante envolvida em atos de vaidade onde se percebe não encontrar mais abertura de pesquisa se os mesmos notarem que estamos vivenciando os costumes do outro. Para os Chefes desses terreiros pode, o pesquisador, representar uma ameaça. Acreditam, eles, que mesmo em pesquisa, por trabalhar etnograficamente, o pesquisador pode levar seus feitos para o outro terreiro, como afirma Ferretti (1995).

Esse comportamento se explica por haver nos terreiros tanto rituais que não são propriamente secretos, os realizados de porta aberta, mas que trazem algum resultado, como os rituais de porta fechada os quais existe uma preocupação maior em que saiam para outros terreiros. Assim costuma-se ouvir que nem os pesquisadores podem “servir a dois senhores”.

Foto 4: Porta de Entrada do Salão do Terreiro de Santana – Imperatriz-MA



Fonte: TOURINHO, Érika Ferreira, 2013.

Outro motivo que ajudou a definir o terreiro para estudo, foi a questão de ser o único dos visitados a possuir uma área para o cultivo de plantas medicinais. Não valeria de nada tal trabalho se não deixasse contribuições aos sujeitos pesquisados.

Em um momento anterior pode ser visualizado plantações das espécies mais comuns utilizadas pelos participantes do terreiro que já não eram mais cultivadas com o falecimento da Mãe de Santo anterior.

Diante de tantos empecilhos decidiu-se manter neste trabalho os 3 sujeitos já citados e um quarto sujeito. Que se impôs à pesquisa em substituição da mãe de santo do terreiro de Santana: a Sra. Irenilde Silva Torres conhecida por todos como Dona Cota, que faleceu no dia 17 de maio de 2012. Dona Cota foi substituída por sua filha biológica e também filha de santo que em suas falas será denominada de IANSÃ por acreditar ser filha desse orixá que representa as chuvas e trovoadas, guerreira incansável e obstinada.

É válido informar que Julliete Torres, filha da Dona Cota, é considerada aos seus 23 anos de idade, a “Mãe de Santo” mais nova do Estado segundo os registros da Associação de Religiões de Matrizes Africanas da Região Tocantina.

Foto 5: Mãe de Santo do Terreiro de Santana – Imperatriz-MA



Fonte: TOURINHO, Érika Ferreira, 2013.

Além da mãe de santo, o outro sujeito escolhido foi o Juremeiro do Centro, que nesse trabalho receberá o nome do orixá OSSAIM, pois em uma das entrevistas, deixou claro do desejo de ser OSSAIM e de viver como tal.

Foto 6: Juremeiro do Terreiro de Santana – Imperatriz-MA



Fonte: TOURINHO, Érika Ferreira, 2013.

Por fim, de forma criteriosa, escolheu-se dentre os adeptos uma filha de santo do terreiro e grande colaboradora dos trabalhos. A ela deu-se o pseudônimo de Obá, por sua história de vida e seu biótipo característico dos filhos de Obá.

Foto 7: Filha de Santo do Terreiro de Santana – Imperatriz-MA



Fonte: TOURINHO, Érika Ferreira, 2013.

Nesse contexto a investigação sobre a identificação dos elementos estruturais das narrativas e costumes do povo Umbandista, foi desenvolvida no terreiro de Santana, localizado na Avenida Jacob no bairro Redenção II no município de Imperatriz/MA. A origem desse terreiro vem desde 1970 quando seus Decanos, pessoas que iniciam a Umbanda em um determinado local, vieram da cidade de Carolina no sul do Maranhão em busca de melhor qualidade de vida, emprego, educação e saúde.

Por virem em busca de melhorias, sem condições suficientes para morar em lugar próximo ao centro da cidade, fixaram moradia em uma região de periferia. No entanto, a escolha não foi apenas por critérios econômicos, como também pela não aceitação da população em geral aos terreiros, logo só poderiam morar e assentar o terreiro em lugar afastado.

Foto 8: Terreiro de Santana – Imperatriz-MA



Fonte: TOURINHO, Érika Ferreira, 2013.

Foto 9: Salão do Terreiro de Santana – Imperatriz-MA



Fonte: TOURINHO, Érika Ferreira, 2013.

Foto 10: Altar Principal do Terreiro de Santana – Imperatriz-MA



Fonte: TOURINHO, Érika Ferreira, 2013.

3.1.3 Instrumento das descobertas, das escutas e andanças: procedimento para apreensão de dados

Por entender que o tema da pesquisa é de relevante complexidade por estar intrínseco às questões sociais, culturais e econômicas, a pesquisa necessitou ser embasada em uma leitura analítico-reflexiva. Dessa maneira este estudo nos levou à consciência de que estamos pisando em terreno que ainda carece de muitos estudos, portanto nos apoiamos nas leituras teóricas para situar e refletir sobre o objeto de estudo, porém buscamos, sobretudo suporte nas vivências e na reflexão propiciadas por esta pesquisa, pois como analisa Larrosa (2003, p. 143):

A leitura não é outra coisa que aquilo que se dá a pensar para que seja pensado de muitas maneiras, aquilo que se dá a perguntar para que seja perguntado de muitas maneiras e aquilo que se dá a dizer para ser dito de muitas maneiras. A leitura nos traz o comum do aprender enquanto que esse comum não é senão o silêncio ou o espaço em branco de onde se mostram as diferenças.

Por isso, foi imprescindível, além da pesquisa bibliográfica, o método etnográfico para os estudos do objeto em questão.

Chizzotti (2006, p. 71) ao falar sobre pesquisa etnográfica diz que:

[...] caracteriza-se pela descrição ou reconstrução de mundos culturais originais de pequenos grupos, para fazer um registro detalhado de fenômenos singulares, a fim de recriar as crenças, descrever práticas e artefatos, revelar comportamentos, interpretar os significados e as ocorrências nas interações sociais entre membros do grupo em estudo.

Aprofundando a definição de etnografia é imprescindível ressaltarmos a forma com que Geertz (1989, p. 20) faz a leitura da atividade do etnógrafo:

Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de” um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.

Já Zaluar (2004, p. 9) reflete sobre o fazer etnográfico e os estudos das diversidades culturais:

A etnografia entrou no cenário das teorias e métodos sociais como uma arriscada viagem para encobrir grandes distâncias geográficas, culturais, étnicas, raciais, políticas e lingüísticas. O deslocar-se nos mapas físicos e simbólicos do mundo para deixar o “cá” de modo a estar lá.

Nessa reflexão cabe evidenciar a palavra “arriscada”, pois sabemos que o encontro entre humanidades, que se deu nesta pesquisa, teve que atentar para o fato de que o objetivo foi não causar malefícios a essa comunidade no que concerne a visibilidade de sua cultura. Para isso, um trabalho planejado se estabeleceu, no intuito de evitar uma interferência negativa na comunidade estudada.

Dessa forma, assumimos um compromisso não somente com a “verdade” científica, mas, e principalmente, com os sujeitos da pesquisa, mantendo entre nós uma relação de diálogo e não de espionagem. Para isso, não apenas buscamos um consentimento para a pesquisa, como também para as formas da pesquisa. Uma viagem que pudesse ter as trilhas direcionadas por uma comunidade empenhada com a ciência, com a cultura, enfim com a “vida”.

Tomamos o cuidado para que nesse encontro, por meio deste trabalho, entre as comunidades de terreiro e a ciência, esta não assuma um papel de aniquiladora,

como Morin (2003, p. 16) chama a atenção:

E, no entanto, essa ciência elucidativa, enriquecedora, conquistadora e triunfante, apresenta-nos, cada vez mais, problemas graves que se referem ao conhecimento que produz, à ação que determina, à sociedade que transforma. Essa ciência libertadora traz, ao mesmo tempo, possibilidades terríveis de subjugação. Esse conhecimento vivo é o mesmo que produziu a ameaça do aniquilamento da humanidade.

Como os Negros, no seu processo histórico de colonização, carregam as marcas de aniquilamento, urgiu deixar claro que se propôs um estudo da literatura do grupo, exatamente para ir de encontro a esse processo, como uma proposta de registro e estudo da expressividade literária, no intuito de contribuir para a sua valoração e preservação.

Assim, em primeiro momento não foi possível definir os sujeitos, o que nos foi direcionado e definido em contato com o terreiro, quando a própria comunidade, apontou a Sra Irenilde Silva Torres, mais conhecida como Dona Cota, como a maior contribuinte para o relato das narrativas, não descartando a possibilidade de que outros que não sejam indicados pudessem colaborar na pesquisa.

Foto 11: Mãe de Santo Fundadora do Terreiro de Santana – Imperatriz-MA



Fonte: TOURINHO, Érika Ferreira, 2013.

Para alcançar os objetivos aqui propostos, estabelecemos um percurso teórico-metodológico que contemplasse as relações entre diferentes faces de um mesmo objeto (saúde, educação ambiental e religiosidade), sem deixar de lado a análise do contexto socio-cultural-econômico em que se insere.

Dessa forma, a análise foi feita envolvendo todos os elementos que interferem e compõem a literatura que foi estudada, dada à natureza dialética desta pesquisa.

Para a apreensão de elementos importantes para a compreensão da literatura do grupo, este estudo adotou uma metodologia de pesquisa de campo, partindo do pressuposto que “a situação de campo é uma situação de diálogo” (LABURTHE-TOLRA; WAINER, 2008, p. 430), desenvolvendo-se etnograficamente, apoiada e fundamentada na pesquisa bibliográfica.

Nesse contexto, conhecer as condições objetivas dos terreiros, campo para essa pesquisa, foi a condição primeira para a construção das ideias, para tanto adotamos o processo de observação direta, segundo Chizzotti (2006, p. 90):

[...] pode visar uma descrição “fina” dos componentes de uma situação: os sujeitos em seus aspectos pessoais e particulares, o local e suas circunstâncias, o tempo e suas variações, as ações e suas significações, os conflitos e a sintonia de relações interpessoais e sociais, e as atitudes e os comportamentos diante da realidade.

O conhecimento dos dados oficiais referentes aos Umbandistas foi uma necessidade para melhor elaborarmos a abordagem sócio histórica dos sujeitos envolvidos nessa pesquisa. Para isso, buscamos informações a partir da análise de documentos oficiais da Associação de Religiões de Matrizes Africanas da Região Tocantina.

De acordo com Lüdke e André (1986, p. 38), a análise documental: “[...] pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”.

Já os dados que se perfazem no cotidiano dos sujeitos foram apreendidos por entrevistas semi-estruturadas e entrevistas narrativas, e se configurou como um dos principais passos desta pesquisa, pois privilegia a obra de arte literária no ato de sua construção, já que analisa as manifestações orais no próprio contexto em que está sendo produzida e/ou foi produzida, enfatizando seus autores-leitores-ouvintes.

Sobre essa etapa da pesquisa Triviños (1987, p. 146) nos diz que “ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação”. Não podendo se caracterizar como uma técnica de imposição, porque como defende Spink (2000, p. 186) no decorrer da entrevista: “As posições não são irrevogáveis, mas continuamente negociadas”.

Utilizamos nesse processo um importante instrumento para o registro dos dados observados na pesquisa: O diário de campo que: “[...] permite o que considero uma dialética intersubjetiva – processo no qual a discussão teórica em profundidade e o rememorar do pesquisador tornam possível a descrição densa” (WHITAKER, 2002, p. 151). Fizemos, inclusive, uma leitura conjunta, entre a pesquisadora e os sujeitos, dessas impressões. Nesse percurso foi feita a construção dos dados analisados.

3.1.4 Formas de olhar o que ouvimos/ sentimos/ apreendemos: procedimentos de análise de dados

A análise dos dados foi feita de acordo com o que propõe Bardin (1977), assim dividida em três fases: exploração, tratamento dos resultados e interpretação. Foi desenvolvida em todo o decorrer do estudo, tendo em vista que o próprio objeto está em constante transformação. Para que a pesquisa atenda aos objetivos a análise deveria ser contínua, no sentido de orientar e reelaborar quando preciso as análises feitas neste estudo.

Desenvolvido este trabalho, que se entende como um fazer antropológico, em que se enlaçou em nós o conhecimento do objeto estudado por meio de cenários, cenas, falas, imagens do visto e do não-dito, construiu-se uma teia de conhecimentos imprescindíveis, para que mais do que apresentar um documento de estudos científico-literários, apresentar registros de sentimentos e de histórias de vida, retratados pela lente da educação e saúde.

4 MATRIZES E CAMINHOS DE CHEGADA

4.1 Encontros e Desencontros

Falar da Umbanda no Brasil imprime a necessidade de se reportar à entrada dos negros no país, ação esta que se apresenta como auxílio para explicação do fundamento, da história, dos princípios e da raiz dessa religião. Importante também neste percurso da discussão é a apresentação do Candomblé, primeira matriz religiosa de origem africana a pisar em território brasileiro.

O Candomblé veio chegar a terras brasileiras por volta de 1700 com o tráfico de africanos para o trabalho escravo em um país de origem indígena governado por europeus; nota-se aí que por essa confusão de raças, não poderia ser de outra forma se não ser o Brasil, um país sincrético onde o sincretismo não poderia ser tomado apenas como fator religioso, mas também cultural e porque não afirmar: físico, notoriamente presente na identidade de cada brasileiro, marcante principalmente na forma corporal própria que se diferencia dos outros países. Como analisa Ferretti (2012, p. 281):

Sabemos que o sincretismo está presente em todas as culturas e em todas as religiões, mas em algumas delas parece ser mais evidente. [...] Desde a década de 1930, o assunto foi discutido entre nós, relacionando principalmente com religiões de origens africanas [...] Por isso mesmo, foi visto com preconceitos, com reflexo da inferioridade cultural dos dominados.

Esses dominados a que se refere Ferretti acima são os negros escravos trazidos para o Brasil, e com eles veio também, uma riqueza cultural imbuída em formas diferenciadas de comportamento. Uma educação oralizada passada de pais para filhos bem como o cuidado pela saúde, sempre atrelados a um contexto religioso.

Nesse sentido, Hernandes (2008, p. 29):

Na verdade, ligada ao comportamento do homem e da comunidade, a tradição oral envolve uma visão peculiar de um mundo considerado um todo integrado, em que seus elementos constitutivos se interrelacionam e interagem entre si. Vale dizer que a tradição oral explica a unidade cósmica,

apresentando uma concepção do homem, do seu papel e do seu lugar no mundo, seja ele mineral, vegetal, animal ou mesmo a sociedade humana.

Talvez por isso, explica-se ser o Candomblé uma religião de muitos cantos, danças, beberagens, banhos e de ritos fundamentais para sua sobrevivência, sendo que esses são repassados como ensinamentos, sem pressa, pelo babalorixá ou ialorixá, sacerdote ou sacerdotisa chefe de um terreiro de Candomblé a seus iaôs, filhos de santos.

No Candomblé assim como herança da educação africana, não há pressa, tudo tem seu tempo certo, não existem escritos e sim ensinamentos passados de maneira oral onde o intuitivo fala mais alto que qualquer escrito. Conforme aponta Prandi (2005, p 19):

– No candomblé, o tempo parece que não passa, o ritmo das coisas é outro, ninguém tem pressa para nada. Nem é preciso usar relógio, porque tudo acontece na hora que tem que acontecer – disse-me uma vez uma filha-de-santo, que procurava explicar as dificuldades que muitos novos adeptos do candomblé encontravam assim que chegavam à nova religião.

No contexto colonial brasileiro, a adaptação ao tempo para os rituais no candomblé, não é o único empecilho para os adeptos. Pois para continuar seus rituais também precisavam camuflar seus “santos” nos “santos” católicos. Dessa forma, com essa adaptação aos rituais católicos, os sacerdotes das religiões africanas evitaram, conforme explica Saraceni e Xaman (2003, p. 17):

[...] que seus companheiros sofressem castigos e ao mesmo tempo pudessem praticar seus rituais camuflados (enterravam os símbolos dos deuses africanos debaixo dos altares católicos e faziam suas rezas e cantos tocando o solo com a mão e a testa, para reverenciar os símbolos enterrados).

Assim, os negros, escravos sem liberdade de expressão, passaram a adaptar seus costumes, camuflando-os em rituais brancos, refazendo suas vidas, dando caminhos diferentes que em variados rumos direcionavam-se a um único ponto: o respeito à Natureza que para eles significava o cuidado da vida por ser a morada de seus deuses denominados por eles de orixás, componentes espirituais que formam o alicerce do Candomblé, religião de matriz africana que nos dias atuais é conhecida como uma religião minoritária de poucos fiéis e muitos clientes

apreciadores das festas sempre com muitas comidas, bebidas, dança e cantorias. Por isso,

Entrar para o candomblé impõe a necessidade de aprender grande quantidade de cânticos e danças, palavras e expressões, modo de se comportar e de se relacionar com os deuses, com os humanos e com os objetos sagrados, além de receitas culinárias, fórmulas mágicas e listas intermináveis de tabus – tanta coisa, que parece não ter fim. E não tem mesmo (PRANDI, 2005, p. 10).

Esses conhecimentos enfatizados no excerto anterior são imprescindíveis, por ser a Natureza uma fonte matricial de matéria prima na confecção de garrafadas utilizadas no combate de patologias que podem ir de uma simples cefaléia a um tipo incurável de câncer.

Logo, para o Candomblé a natureza é considerada sagrada, pois dela nasce a vida e é dela que se tira a manutenção da mesma, seja de uma forma preventiva ou curativa. Isso se justifica, porque pela concepção do Candomblé, segundo Bastide (2009, p. 72): “Os Santos estão mais na floresta do que no céu”; “lá residem os orixás, Eleguá, Ogum, Oxóssi, Ocô, Aiê, Xangô, Alaguna. E os eguns – os mortos Elecô, Icu, Ibaiê”.

Essa postura diante da natureza é repassada de pais para filhos, em um movimento de educação para uma tradição que resiste e se fortalece no terreiro, ambiente que une educação, religião e cultura.

Portanto, natureza-saúde-educação, são tripés imbricados na essência do Candomblé, o que o faz mais do que uma religião, uma doutrina de vida voltada para a própria vida, mas não qualquer uma, e sim uma vida saudável e em sintonia com a natureza.

No entanto, mesmo tendo princípios pautados nesse tripé, o Candomblé foi fortemente combatido pelas autoridades religiosas. Com isso, diante de tanta repressão e forçados a uma adaptação ao cristianismo católico, em que eram obrigados a construir Igrejas sem poder adorar seus orixás, os negros escravos se refizeram, escondendo seus fundamentos nos subsolos das construções e abaixo dos altares, sempre relacionando seus deuses com os santos católicos em um sincretismo, muitas vezes considerado por pesquisadores como negativo, uma mistura confusa de elementos diferentes imposto por um certo evolucionismo e pelo colonialismo; e desse sincretismo imposto nasceu a Umbanda.

Sincretismo é palavra considerada maldita que provoca mal estar em muitos ambientes e em muitos autores. Diversos pesquisadores evitam mencioná-la, considerando seu sentido negativo, com sinônimo de mistura confusa de elementos diferentes, ou imposição de evolucionismo e do colonialismo (FERRETTI, 1999, p. 113).

Com o passar dos anos e porque não falar, dos séculos, ainda nota-se uma grande semelhança entre a entrada da religiosidade africana no Brasil, de suas transformações com o conhecer, o envolver de seus seguidores.

Talvez esteja nesse ponto, caminho de entrada, um dos motivos das religiões de matrizes africanas ainda serem tão discriminadas e consideradas religiões de poucos adeptos e muitos frequentadores. Assim,

O candomblé é religião minoritária, de poucos fieis e muitos clientes. Ouve-se com frequência que é religião muito trabalhosa, mas boa para comer e dançar. De fato, comida e dança são elementos vitais dos ritos, e trabalho é o que não falta (PRANDI, 2005, p.10).

Ser praticante do Candomblé ou Umbandista é algo que acontece, até hoje, ou por herança familiar ou por uma adaptação de crenças, atrelada a um momento de fragilidade ou curiosidade, fruto de um sincretismo que em muitos aspectos é visto de maneira impensada, como se fosse uma simples identificação de rituais sem levar em conta um tradição histórica que poderia acontecer em qualquer religião, já que todas as religiões tem origem compostas e são continuamente reconstruídas através de processo de síntese e substituição. Como explica Ferretti (2012b, p. 282):

[...] na pós-modernidade, a cultura passou a ser vista como uma invenção híbrida e sincretizada. [...] A simples identificação de um ritual ou de uma tradição como sincrética não diz nada, pois todas as religiões têm origens compostas e são continuamente reconstruídas através de processos de síntese e substituição.

Como dito anteriormente, o Candomblé, assim como a Umbanda são religiões trabalhosas que exige de seus praticantes a necessidade de aprender grande quantidade de cânticos e danças, palavras e expressões, sem falar no modo correto de se relacionar e respeitar os orixás, no caso do Candomblé, e os caboclos na Umbanda, aonde todos os rituais vão sendo aprendidos aos poucos de acordo com a necessidade, sempre envolvidos em uma áurea de mistério onde cada terreiro, cada centro tem seus segredos específicos (PRANDI, 2005).

Em muitos casos, as religiões espíritas, tanto de origem africana quanto de origem européias, acabam sofrendo discriminação por pessoas que as desconhecem e por isso as rotulam sem fundamento, no entanto, muitas vezes por um ato de curiosidade ou por destino se deixam levar aos centros onde se permitem não só tornar-se tanto clientes quanto membro ativo do centro.

Um ato de curiosidade muitas vezes pode converter uma pessoa a qualquer religião que traga a ele o objeto ou sentimento desejado.

Por ser o homem um ser em constante transformação vivendo em eterno processo de aprendizagem, basta se permitir transformar para descobrir novos rumos que muitas vezes são inimagináveis a ele mesmo só acreditando na transformação depois de envolvido completamente.

Nesse contexto, encontra-se Oxóssi, um dos sujeitos dessa pesquisa, que vivenciou sua entrada na Umbanda da seguinte forma:

A Umbanda chegou em minha vida através de minha esposa eu tentava levar ela pro Kardecismo e não sabia que ela era filha de uma mãe de santo; hoje ela é a mãe de santo e eu o Juremeiro do terreiro, veja só, logo eu que achava que ser Umbandista era motivo pra voltar em outra encarnação e pagar dívida por escravizar espíritos; mais como bom curioso, o gato perdeu o rabo”(Ossaim, entrevista dia 7 de Julho de 2012, grifos nossos).

Nota-se, pela fala a seguir da entrevistada, que a Umbanda, talvez pelo desconhecimento popular ou mesmo pela falta de escritos mais acessíveis, acaba sendo descoberta por seus seguidores, em maior quantidade não tão fieis e extremistas, por acreditarem que os sacerdotes sabem do futuro ou podem descobrir algo que se encontra escondido dos olhares mais comuns, elementos de um senso comum, dessa forma mais uma vez pode-se notar que o sincretismo não ocorre tão somente no campo religioso mas em todos os aspectos culturais (FERRETTI, 2012).

“Ah Senhora! Eu acho que sô das coisa, num sabe?, virei Umbandista por que eu quiria saber se meu home me traia, eu sofria muito naquele tempo, num sabe? Ele saia di noiti e só vinha nu ôtro dia, fidido de cachaça e rapariga, num tem? Aí eu prucurei o omi que butava carta e ele mi disse, aí eu fizi uns trabaiois, me limpei, isquici dele, criei meus fios, arranjei ôtro omi e já sô até vó e nun farto um dia de festa do terreiro, e sempre que pode, inda ajudo.” (Obá, entrevista dia 10 de agosto de 2012, grifos nossos).

Porém, são nos seguidores mais fiéis que se encontra a herança advinda desde os tempos da escravidão, quando a educação dos negros era passada através dos *Griots*, trovadores, que com as músicas e trovas, ensinavam seus conhecimentos de pais para filhos de uma forma oralizada, sem escritos, função essa de grande relevância o que nos dias atuais podem ser denominados os doutores da Umbanda como nos relata Hernandez (2008, p. 30):

Mas, afinal, quem são os *Griots*? São trovadores, menestréis, contadores de história e animadores públicos para os quais a disciplina da verdade perde rigidez, sendo-lhe facultada uma linguagem mais livre. Ainda assim, sobressai o compromisso com a verdade, sem o qual perderiam a capacidade de atuar para manter a harmonia e a coesão grupais, com base em uma função genealógica de fixar as mitologias familiares no âmbito de sociedades tradicionais. “Sua função é também o desenvolvimento extraordinário de estruturas de mediação que restabelecem a comunicação numa sociedade em que as relações sociais parecem todas marcadas por considerações de hierarquia, autoridade, etiqueta, deferência e reverência”.

Sem nenhuma pressa as mães de santo acabam por preparar seus substitutos sem que nem eles mesmos percebam, isso porque as mães de santo acreditando que dessa forma estão evitando que seus seguidores desenvolvam a vaidade. Para eles, não há opção de escolha e sim um desejo do chefe espiritual do terreiro, caboclo ou orixá da casa, tornando assim o conhecimento hereditário e arbitrário.

Nasci, vindo minha mãe no terreiro, analfabeta, mas extremamente respeitada por todos, batia alvorada toda sexta antes de fazer as garrafadas e os banhos, sempre com um terço na mão e de poucas palavras com os de fora, dizia que não sabia falar, mas antes de morrer me ensinou o que faço hoje, sinto muito sua falta, você lembra dela né? Ela não deixava eu escrever falava pra eu prestar atenção e deixar que a intuição me faria fazer o correto e que teria sempre de seguir meu coração e que na hora certa o guia iria se pronunciar, como realmente aconteceu. Ela falou que na próxima festa eu seria a mãe de santo e fui. (lansã entrevista dia 04 de Junho de 2012).

Percebe-se na fala de lansã o sincretismo apresentado nas discussões anteriores quando se refere ao terço que a mãe rezava (elemento da religião cristã católica), também é marcante a forma de transmissão dos conhecimentos, reforçado por ela quando diz que a mãe não a deixava anotar, vale ressaltar também nessa fala o trecho: “**que a intuição me faria fazer o correto e que teria sempre de seguir meu coração e que na hora certa o guia iria se pronunciar, como realmente**

aconteceu”, no qual ela se refere a forma com que se transformou em mãe-de-santo, não em um ato voluntário e sim arbitrário e sem pedir seu consentimento.

4.2 A verdadeira Refazenda

As religiões de matriz afro-brasileiras assim como nos séculos passados, continuam sendo discriminadas, tendo em vista que ao fato que em uma sociedade onde tudo que parece diferente é impensadamente repudiado, por convenções e determinações de uma sociedade arcaica, porém dominante, os ‘diferentes’ passam a se tornar figurações em um contexto social periférico, em que todos os seus costumes e crenças passam a ser diagnosticados como esdrúxulo, endiabrado ou incapazes.

Nesse contexto, ao aportarem em terras brasileiras, os negros africanos nos períodos do Brasil colônia e monarquia resistiram, arduamente, em uma esfera cultural ampla, adotando estratégias que permitiram com que seus valores sobrevivessem, mesmo que ressignificados. Assim, como afirma Gil (2007, p.7):

Para continuar resistindo, os africanos submetidos aos cativeiros e seus descendentes tiveram que refazer tudo, refazer linguagem, refazer parentescos, refazer religiões, refazer solidariedade, refazer cultura. Esta foi a verdadeira Grande Refazenda.

Nesse cenário da grande Refazenda a que se refere Gil no excerto acima, é que podemos notar que mesmo nos dias atuais, os seguidores da Umbanda acabam por se refazerem, a fim de encontrar um caminho menos preconceituoso.

Tratando-se do Brasil, um país de nativos indígenas, colonizado por europeus ortodoxos com fragmentação para um protestantismo nascido em um momento marcado pela intolerância, não poderíamos ter a percepção que uma religião trazida por escravos de origem africana a qual seus seguidores foram em um segundo momento, pós colônia, moradores de cortiços e morros, excluídos da educação e saúde – vistos como marginais – tivesse a aceitação das outras esferas religiosas as quais preferem em um ato de intolerância rotular, em conhecimento específico, o que não se permite ser mudado. Como esclarece Campos (2012, p.43):

Por isso adotamos como um dos nossos pressupostos que a intolerância e os mecanismos de demonização do outro, encontrados na prática e no discurso de protestantes e de novos pentecostais, têm algumas de suas raízes fincadas nos séculos que antecederam a inserção e expansão do protestantismo e do pentecostalismo no Brasil.

Refazer passou a ser palavra de ordem na vida dos seguidores das religiões de matrizes africanas, principalmente a Umbanda, que desde a sua origem, como se percebe no decorrer desse texto, já nasceu de uma resignificância, tanto nos seus ritos quanto nos seus costumes.

Sobre a refazenda na vida dos seguidores da Umbanda, Ossaim em sua fala traz a sua experiência nesse processo de adaptação para a convivência social.

*Quando me aceitei Umbandista, vi que tinha um longo caminho a percorrer, antes de tudo, tinha que conhecer o que eu tava escolhendo. Sabe, sou professor, tanto em escolas publica quanto particular e fico brabo quando vejo a forma que ensinam religião pros garotos; a professora dá a matéria de acordo com o que ela segue ou com o que a Diretora quer, **não existe a laicidade. Só no papel.***

E se lá na escola que é que tem de se ensinar o que é certo ao é ensinado, como podemos cobrar respeito pelo que escolhemos?

Há um tempo atrás, eu lhe digo, tinha até vergonha de falar que era Umbandista, mas hoje não, tenho orgulho, a garotada da escola até me para em roda de conversa pra eu explicar. Mas sabe, tem uma coisa engraçada, eu sei que sou Umbandista, mas não deixo de frequentar o centro Kardecista, sinto que me faz bem, entende?(Ossaim entrevista do dia 07 de Julho de 2012, grifos nossos).

Aceitar que o sincretismo vai muito além de um ato religioso, como nos fala Ferretti (1999), abrange o social, o cultural, influenciando diretamente na educação e no cuidado com a saúde, assim é privilégio de poucos, aceitar que as idéias alheias perpassem o contexto da intolerância, é se deixar ir muito além do bem e do mal, é não se permitir formar conceitos preexistentes e nem tão pouco ser o sujeito desses conceitos.

Para tanto, é necessário que se tenha o mínimo de esclarecimento, não só o formal, mas o da vida. É se tornar aberto a novos rumos sem medo de ser visto de forma diferenciada.

Ah dona! Eu num sei falar isso bunito não, sei que as vez tenho até vergonha de falar que venho pro terreiro, lá donde eu moro não, lá eu num tenho vergonha de falar não, só pra minha vizinha do lado. As vez, falo que vô pra igreja, num tem? Mas é que o povo da igreja lá de perto olha logo de cara feia e fala: “- lá vai a macumbeira, bota o terço na mão só pra engolobar, pensa que nós é besta”. O povo num sabe que aqui nois reza o terço toda sexta feira.

Aqui tem um tar de estudo, sexta de tarde, mas eu num intendo não, eu acho que é porque eu num sei ler, né? A sinhora num acha? Olha o que eu sei é que meu caboco Pena Verde me potrege e só. Ah, seu Zé Pinlintra tombém.

Esse povo num que criditar, pobrema deles, né?(Obá, entrevista dia 10 de agosto de 2012, grifos nossos).

Falar em religião e conseguir perceber que dela pode se ter uma abrangência mágica, podendo contextualizá-la com fatores essenciais para vida humana que são a educação e a saúde, é ter a concepção que o ser humano necessita de algo significativo mesmo que não pareça palpável, dar a impressão de ser utópico quase perto do mitológico, como analisa Campos (2012, p. 41-42) ao citar Peter Berger definindo a amplitude do que seria Religião.

A religião, está na raiz da construção de um mundo ordenado e carregado de sentido. Por isso mesmo, “viver num mundo social é viver uma vida ordenada e significativa”. [...] Mas uma vez criado esse cosmos significativo, como mantê-lo em funcionamento, evitando as ameaças e os processos anômicos que aspiram a sua desintegração? Que ameaças são essas? Berger aponta para as tragédias, das quais o sofrimento, a dor e a morte são alguns dos principais exemplos.

De certo, como já foi abordado anteriormente, o fato de nascer em uma religião na qual a educação oral é o maior legado que o herdeiro pode receber, nem sempre significa que não haverá uma resignificância dos ensinamentos.

Como enfatiza Ferretti (2012) o ser humano sempre está em constantes mudanças que o levam a um eterno sincretismo, seja ele religioso, social ou cultural, até porque, na hierarquia da Umbanda os mais velhos passam seus conhecimentos, bem como seus segredos ao mais novos que irá substituí-lo, mas jamais passará, na íntegra, seus valores.

Como já disse pra você, nasci e me criei vendo minha mãe rezando, de primeiro em um quartinho de madeira lá no fundo do terreno, plantando as ervas e macerando, essa era a hora que eu mais gostava, enquanto ela fazia os banhos, macerando as ervas ela cantava as doutrinas e eu que era criança ainda ficava olhando, mas sempre falando: - Mãe, num quero isso pra mim não, a senhora quase não sai, só vive aqui. Depois ela passou a fazer as rezas no barracão, que ela levantou com a ajuda dos guias dela.

A mãe falava que era pra eu ter estudo, e que depois dos estudos ela tinha que me preparar, ela não queria que eu fosse analfabeta, falava que já bastava ser chamada de terecozeira, que isso eu não ia me livrar nunca, ser chamada de terecozeira, macumbeira e outras coisas mais. Quando eu era criança eu gostava de ir em tudo que é tambor, achava bonito, aí, eu foi ficando mocinha e já ficava com vergonha, mas eu ia, ia com a roupa na sacola pra ninguém ver e só tirava lá na festa, pra baiá.

Sinto falta da mãe, Dona Cota, ela bem que me disse que não tinha jeito pra mim. Um dia fiquei com tanta raiva, nós foi baiá lá longe no terreiro do seu Salim, quando acabou já era muito tarde, aí nós veio andando, lá da Industrial até aqui no terreiro e as sacolas das roupas tavam no carro do Flávio que tinha vindo embora. Olha! Foi tanta piada que nós ouviu, que jurei nunca mais ir numa festa de santo pra baiá. E hoje tô eu aqui, ensinando meus filhos de santo, herdados, a ter respeito por nossa religião e brigar por ela. Por isso que toda sexta-feira tem estudo, faço igual minha mãe, só entra na gira que terminar ou tiver pra terminar o ensino médio e toda sexta-feira que Deus dá tem que ter estudo. Só assim nós vai fazer com que o povo tenha respeito por nós. Sabendo falar da nossa religião e mostrando que ela não tem nada haver com as coisas do diabo.” (Iansã entrevista dia 04 de Junho de 2012, grifos nossos).

Observa-se na fala de Iansã que a religião entrou em sua vida de forma natural, continuou assim em sua infância, no entanto em sua adolescência ela ganha a conotação imposta pela sociedade controladora que despreza e condena os valores e tradições que não sejam os da classe dominante.

Vale ressaltar que carregar o título de “terecozeira”, pessoa que participa dos terecôs, batidas de tambor nos rituais umbandísticos, implica em uma série de constrangimentos, os quais só cessarão, de acordo com Iansã, quando os membros da religião se impuserem pelo conhecimento sistematizado e pela propriedade do que vivenciam, isso transmitido na linguagem do dominador, pois, é esta que é validada como importante e de credibilidade.

Outro aspecto que foi evidenciado por Iansã é o fato de que as religiões populares, como são denominadas as religiões de minorias, são vistas, ainda nos tempos atuais como algo sem a presença do Divino, do Puro, e quase sempre estereotipadas por pessoas que preferem esconder-se por trás de convenções engessadas.

Para Valla (2001) o Estado tenta separar-se das religiões minoritárias, Candomblé e Umbanda, como se nada tivesse haver com a condição de vida de seus praticantes. A própria constituição reza a separação de religião e Estado e que os dois campos não devem se misturar, como se tal fato fosse possível. O autor questiona essa postura do Estado e sua responsabilidade diante da aplicabilidade das políticas públicas relacionadas com a educação e saúde. Ele vai além, quando critica a postura educacional acadêmica de alguns professores.

Se muitos dos alunos tem uma posição íntima e diária com a religião, não seria importante que seus professores procurassem compreender melhor que fenômeno é esse que afeta tanto a vida das classes populares no Brasil

(isso é em grande parte, os pobres e humildes das periferias urbanas e áreas rurais)? Não seria uma questão de subsidio para os conteúdos, principalmente de história, ciências sociais, ciências e os conteúdos sobre a relação saúde-doença? (VALLA, 2001, p. 113).

No entanto, esse movimento de usar os conhecimentos das religiões de matriz afro-brasileiras não é algo fácil para os/as professores/professoras, pois estes não são instrumentalizados para esse feito, que perpassa pelo campo das representações sociais.

Nem mesmo é algo que se apresente de forma facilitada na vivência de um professor que é umbandista, apesar deste ter conhecimento e prática de sua religião. Como podemos perceber na fala a seguir quando Ossaim discorre sobre a sua ânsia frustrada de poder relatar para seus alunos conhecimentos de sua tradição religiosa.

*Eu já falei que sou professor né? **Sabe, praticar a Umbanda e não poder comentar em sala de aula com a facilidade que eu gostaria às vezes me dói, é sentimento mesmo.** Vivo a Umbanda, respiro umbanda e como não respirar uma coisa tão bonita quanto a Umbanda. **Minha religião é fundamentada na Natureza, água, ar, fogo, mata, raiz.** Quando tô com as raízes, preparando as garrafadas parece que não sou eu, é mais que qualquer coisa é muito bom.*

***Tenho tanta coisa pra falar pros meus alunos, falar que eu aprendi, na minha religião, retirar da natureza tudo que preciso pra curar quem precisa, que eu aprendi e posso ensinar. [silêncio]É, eu tenho que calar.** Às vezes tem pessoas que perguntam quanto eu cobro pra receitar e eu respondo. **Minha profissão é Professor, minha função na minha religião é Juremeiro. Cobro pra dar aula e não pra curar as pessoas.** Tenho vontade de falar tantas coisas, mais tenho de calar pra viver bem. **Às vezes me sinto com Oxossi, mesmo sendo grande e vitorioso caçador, me escondo nas matas pra não ter de confundir os homens com minhas caças. Mas na verdade eu queria mesmo era ser Ossaim, coberto de folhas, viver só para minhas folhas, longe de tudo e de todos, viver e ser folha.**(Ossaim, entrevista dia 7 de Julho de 2012, grifos nossos).*

É fato, que os praticantes das religiões de matrizes africanas, acabam por refazerem seus costumes diante da sociedade, de uma forma ou outra, em algum momento a vida os fará agir de forma diferenciada a de seus mentores. E mais uma vez pontuamos a questão do sincretismo tão marcado por Ferretti. O Sincretismo vai além da religiosidade, faz parte de uma esfera bem maior: educação e saúde.

Nesse sentido, para Morin (2006) a realização do ser humano não é herança, tão somente de sua religião, e sim por seus valores e sua cultura. Na simplicidade de seus atos, mesmo com as dificuldades sociais, saúde e educação,

ele pode ensinar muito mais que os bancos de uma academia. Com isso, não se pode, de forma alguma, separar os contextos, eles fazem parte de algo maior: A cultura. Nessa percepção segundo o autor:

O homem somente se realiza plenamente como ser humano pela cultura e na cultura. Não há cultura sem cérebro humano (aparelho biológico dotado de competência para agir, perceber, saber, aprender), mas não há mente (mind), isto é, capacidade de consciência e pensamento, em cultura. A mente humana é uma criação que emerge e se afirma na relação cérebro-cultura. Com o surgimento da mente, ela intervém no funcionamento cerebral e retroage sobre ele. Há, portanto, uma tríade em circuito entre cérebro/mente/cultura, em que cada um dos termos é necessário ao outro. A mente é o surgimento do cérebro que suscita a cultura, que não existiria sem o cérebro (MORIN, 2006, p. 52-53).

Nesse entendimento não se pode separar a religiosidade da educação e nem tão pouco da saúde, pois, a cultura tradicional é o que se faz sobreviver em uma sociedade exclusiva e é ela que ensina, de forma primária, a cuidar da saúde e a ser respeitado por saber ter saúde, mesmo que esse reconhecimento não possa ser público, haja vista que recorrer aos conhecimentos de uma religião de minoria faz de seu recorrente alvo de críticas e recriminações, como relata Obá a seguir:

*E moça, nem sei, a senhora não vai perguntá nada não é? É pra falar assim é? Oia, lá no meu bairro sô muito repeitada, tem aquela vizinha que falei pra senhora né? Mais até ela me respeita. **Quando o povo passa mal, e não tem dinheiro pra ir pro hospitali aí eles vão lá na minha casa, eu falei pra senhora que eu não sei lê né? Pois é mais eu sei contar e sei conhecer planta e a Cota me ensino muita coisa num sabe? Quando eu ajudava ela num sabe?***

*Quando as muié tão cheia, prenha, num sabe? Eu viro o minino se tá fora do lugar, eu benzo, passo os banho que o Juremeiro faz, ou os eu que faz mesmo, **mas mesmo assim tem gente que toma meus banho, bebe meu chá e depois fala que num tomô, e nem agradece.** Me chama na casa deles na boca da noite pra ninguém vê e todo mundo sabe, praque todo mundo chama, até a muié do pasto já chamô, mas diz que pra num contá pro marido dela.*

*A Cota falava pra eu num ligá, **que esse é o distino de nois, num sabe? É acho que ela tem razão né?**(Obá, entrevista dia 10 de agosto de 2012, grifos nossos).*

A herança, como enfatizada acima, é o maior legado que as religiões de matrizes africanas deixa para os novos adeptos. Nesse sentido a religiosidade se refaz a cada herdeiro que assume. Observou-se em campo que os terreiros começam a mudar seus estereótipos, as mães e pais de santo, deixam a figura das matronas, gordas, negras e dão espaço a jovens líderes com novas idéias mudando

as rotinas dos terreiros, mas nunca desprezando os ensinamentos deixados pelos mais velhos.

Refazer costumes, valores sem atropelar a cultura é algo que além de modificar a rotina necessita, acima de tudo, conhecer profundamente o que está fazendo. O que pode ser constatado na fala de Iansã:

Quando a mãe morreu, eu não percebi que me tornaria mãe de santo, eu sabia que era eu, mas a ficha não caía. Teve todos os rituais, a mãe se enterrou com tudo que uma mãe de santo tinha direito, todos os terreiros veio aqui, o barracão tava com a cor que ela mais gostava, a cor que a entidade tinha escolhido na última festa de Santana, que é a mãe do terreiro. **Quando passou os sete dias é que foi quando caiu a ficha,** lembrei que ela falou que na próxima festa do terreiro eu é que ia fazer. Meu Deus, foi ruim ó. Mas fiz tudo do jeito que a mãe queria, parece que ela tava perto o tempo todo e eu nem sabia, tava grávida, e nem sabia.

Com a morte da mãe, muita gente se afastou, uns porque diz que não consegue entrar aqui e não vê ela, outros porque não aceita mesmo, acha que eu sou muito nova e que não tenho, é, não sou capaz de ser mãe de santo de um terreiro tão grande. Não vou mentir, **isso as vez me deixa triste, porque é gente de dentro sabe?** Quando é gente de fora que vira as costas, se fica meio lá, meio cá, mas quando é gente que me viu crescer, fiquei triste ó!

Aí eu lembro da mãe, o meu marido fala logo, lembra que mãe Cota? Ela falava que não era pra abatê e pra deixar teu coração falar mais alto, escuta o coração que não vai errar. **Mas é que as vez é difícil, não tenho um coração tão bom quanto o da mãe.**

A primeira mudança que eu fiz no terreiro foi o estudo, agora o estudo não é só pro médio, é pros praticante também. Passou a vir no terreiro tem que estudar, tem que saber que aqui é lugar de Deus e não do capeta. **E tem que ter orgulho de ser umbandista.**

Na festa de Santana, tem batizado, casamento e muita missa. Tem ladainha e festa também, mas o tambor tem hora pra acabar, os tabatazeiros tem que descansar, nós fica muito cansado, eu via como a mãe ficava, e eu não vou ficar assim.

Meu marido, **o Juremeiro, tem dia pra atender e fazer os remédios,** a não ser que acontece alguma emergência, mas o dia dele é sábado, ele trabalha como professor lá em Açailândia, de segunda a sexta e o sábado é das raiz. **Tô fazendo tudo como a mãe fazia, mais com mais ordem,** quem quer ficar fica, quem não quer, eu não posso fazer nada. Acho que tô certa.

Outro dia pediram minha carteira de identidade pra comprar um celular e eu mostrei a de umbandista e feliz da vida. Hoje sim, sei que tenho orgulho da minha religião, acho que é porque aprendi de verdade quem é ela e o que ela é na minha vida. **(Iansã entrevista dia 04 de Junho de 2012, grifos nossos).**

Nesse trecho da entrevista com Iansã percebe-se que o sentimento de pertencimento está atrelado ao conhecimento de sua religião e em consequência deste conhecimento vêm à valorização de uma tradição, que apesar de marginal, tem forte influência na vida de seus seguidores e de quem os procura.

Vale ressaltar também nessa fala que o conhecimento continua, no entanto as práticas vão se modificando pela própria vivência de quem herdou não apenas

um título, como também uma função: a de líder de um grupo, que por sua pouca idade, às vezes é rejeitada, pois lança mão de um olhar mais sistematizado para os rituais e os atendimentos, sendo muitas vezes criticada e outras compreendida.

Analisa-se essa postura diferenciada na condução das atividades no terreiro como decorrência do nível escolar de Iansã, que cursou o Ensino Médio, sendo que em contrapartida sua mãe era analfabeta e isso de alguma forma influenciava na maneira que conduzia seu terreiro.

Percebe-se que quanto ao nível de escolaridade já se vê mudanças na prática de vida, quando se reporta ao meio acadêmico, as práticas mudam ainda mais. Quando, no campo, deu-se a preocupação de saber como seria visto pelos sujeitos da pesquisa o Candomblé, raiz fundamental da Umbanda como afirma Saraceni e Xaman (2003).

Nesse sentido, nota-se na fala de Ossaim que existe certo nível de conhecimento sobre a religião matriz, porém não há uma vontade expressa de ir mais além. Para Ossaim, o que tem de mais importante são as folhas, matéria prima de seus feitos.

Não conheço muito de Candomblé, sei que minha religião saiu dela, mas não me acho preparado para falar dela. Acho até que confundo as coisas, por exemplo, quando falo do Ossaim, sei que é um orixá, orixá das matas e que tem seu corpo coberto de folhas, a história dos orixás eu sei, mas só. Penso que o Candomblé faz uso de despachos, matanças e outras coisas lá. Dona Cota falava que não era pra mexer com isso, era pra respeitar, mas não mexer. E como quando eu entrei me apaixonei logo pelas plantas, não quis saber de outra coisa, mas entendo que saiu do candomblé os banhos e beberagens. (Ossaim, entrevista dia 7 de Julho de 2012, grifos nossos).

No decorrer das análises, pode-se claramente notar a diferença entre cada um dos sujeitos, a preocupação com o conhecimento da religião e suas práticas, percebe-se na fala de Obá que não muda a intensidade do sentimento de pertencimento, no entanto, a questão de valores, faz com que o olhar pela religião mude seu foco.

Sei não oh! Oia moça, a Sinhora é engraçada, nun sei não o que é candombré não, num sabe?eu acho que num sei direito nem o que coisa é? Se é intão eu sei, mas nunsei fala não, Vixe que agora eu num sei é mermo, ficô foi complicado. Sei o que é Macumba, Terecô. Macumba é bom, num sabe?,bom di mais. Nós reza, nós canta, nós dança e nós conversa com seu Zé Pilintra e com Caboco Pena Verde ah! Tem tombem a Cigana, (risos) ela é ingraçada ó! Tem gente que vem aqui só pra falar cum

ela, esturdim vei um ômi, desses grandão só pra fala cum ela. A Sinhora já falô cum ela? (Obá, entrevista dia 10 de agosto de 2012, grifos nossos).

Para as religiões de matrizes Africanas, em especial o Candomblé e Umbanda, percebe-se a importância da educação herdada, o conhecimento passado de pais para filhos, sejam eles biológicos ou não, é a principal forma de repassar os conhecimentos inerentes da religião.

Ferretti, (1999) bem como Prandi, (2005) corroboram em diversas falas a questão do conhecimento oralizado e passado de pais para filho. Afirmando tais justificativas, vê-se na fala de Iansã a devida importância do conhecimento repassado. No entanto, percebe-se que quando o conhecimento é repassado passa-se com ele os valores da pessoa que o fez, suas idéias, seus conceitos e seus sentimentos.

Como já falei, nasci e me criei na Umbanda, mas a mãe falava sobre o Candomblé, ela contava história que parecia de livro, mas sei que ela num sabia ler, mais era assim, só hoje entendo que nas histórias dela ela ensinava como respeitar os santos e orixás, lembro que ela falava que santo era santo e orixá era orixá, só com as sextas de estudo foi que aprendi que santo só existe na Umbanda e Orixá no Candomblé e que para o candomblé, só existe orixá e escravos, que são os exus. Sei que no candomblé se faz muito despacho com sangue para os EXUS e que na Umbanda não. Aqui tem a Dona Escurinha que diz que é Candomblé, o terreiro dela fica lá no Bom Sucesso perto da Industrial, já fui em várias festas lá, mas acho meio estranho. Ela sempre tá com uns vestido vermelho, grande, caro, acho que o candomblé deve ser uma religião cara. Nas nossa festa tem muita comida, bebida, nós se veste bem, mais não como no candomblé. Agora eu lembrei da mãe, ela falava que cada pinto tem seu gôgo e que cada um sabe viver com o gôgo que tem. Sabe, a mãe tinha razão, toda religião é bunita que faz ela ficá mais bunita ou mais feia é o homem. (Iansã entrevista dia 04 de Junho de 2012, grifos nossos).

Na fala dos sujeitos, nesse aspecto, nota-se claramente a importância de um conhecimento tradicional herdado, o valor referenciado por eles nos mais diversos aspectos.

Tais conhecimentos, passados de gerações em gerações por uma história oral, quase nunca escrita, trás suas fragilidades atreladas a uma riqueza de detalhes que só o místico associado ao prático pode trazer.

5 UMBANDA

5.1 De onde vem e como chegou

Com a chegada dos navios negreiros em território brasileiro, vieram também diferentes costumes, que para época não eram vistos como parte de uma cultura nova ainda não conhecida e que poderia ser de grande valia quando associada às outras já existentes na época.

Como os negros africanos chegaram ao Brasil para serem escravizados nos serviços agrícolas, levados a grandes fazendas de café ou, dependendo do Estado para onde fosse, trabalhar com a pecuária, a qual ainda não era explorada no País. Pouco são os relatos da época, quase nenhum, sobre a vida e os costumes desse povo de pele escura e costumes estranhos para uma sociedade de raiz européia.

Como todos que chegam de lugares diferentes, apresentam culturas desconhecidas, costumes, alimentações, religiosidades e práticas diferenciadas. Logo, quem assim os relataram não trazem uma fidedignidade das ações, pois por mais científico que possa parecer, o que é diferente nunca é visto com olhar acrítico. E se tratando de tempos escravocratas, jamais acreditar-se-ia que algum escritor pudesse relatar ações sem esboçar opiniões carregadas de preconceitos inerentes da época.

Contudo, não se pode descartar a contribuição das informações por mais incompletas que sejam. Nesse sentido, a dificuldade de conseguir publicações da época, bem como a certeza das informações faz com que se acabe deduzindo alguns atos baseados no pouco que foi deixado pelos escritores dos tempos passados.

Nesse contexto, ao relatarem sobre os Africanos, apenas tratavam da economia, e como teria sido lucrativo aos cofres do Estado, na época, escravizá-los. Por muitas décadas esse foi o único motivo pelo qual os estudiosos se interessariam por escreverem sobre os negros. Logo não se falava sobre eles e sim pelo produto de seu trabalho, o que eles traziam de lucros para a economia local, como explica Bastide (2001, p. 23):

Considerado instrumento indispensável para economia de uma grande propriedade agrícola, o negro africano, enquanto escravo, só interessou ao brasileiro branco como mão-de-obra. Todavia, no fim do século XIX extinguiu-se o trabalho servil. Urgia, pois, integrar o negro na comunidade nacional e, para isso, era preciso antes de tudo conhecê-lo. Os primeiros estudos sobre as sobrevivências religiosas africanas, datados de 1896, saíram na forma de artigo na revista Brasileira; eram da pena de um jovem médico baiano, Nina Rodrigues. A partir dessa época e até sua morte, em 1906, dedicou-se inteiramente esse grande pesquisador à descrição e análise dessas sobrevivências, publicando também em francês *L'animisme fétichiste des nègres de Bahia* (1900).

Como os negros eram relatados apenas como mão de obra escravocrata e por tal motivo mais fácil seria encontrar relatos em bibliografias sobre economia, administração e direito do que uma questão sociológica propriamente dita em que os negros eram ridicularizados e visto por todos como uma raça inferior – própria para ser explorada no que diz respeito a sua força física.

[...] Nina Rodrigues acreditava na inferioridade do negro e em sua incapacidade para integrar-se na civilização ocidental. Como médico-legista e psiquiatra, não viu mais que simples manifestações de histeria nos transe místicos e nas crises de possessão que caracterizam o culto público dos africanos brasileiros. Em contra partida, sua própria interpretação etnográfica da religião é construída segundo os quadros de referencia da ciência do seu tempo: no fim do século XIX, o positivismo se implantava no Brasil, onde, como se sabe, desempenharia um papel político de primeira plana; [...] Apesar de todas essas falhas, as obras de Nina Rodrigues, ainda agora, não deixam de ser talvez as melhores publicadas sobre o assunto, primeiro porque seus informantes pertenciam ao candomblé de Gantois; depois porque suas descrições do culto, das hierarquias sacerdotais, das representações coletivas do grupo negro, são fieis e sempre válidas. São sem duvidas livros incompletos, mas, naquilo que descrevem, livros seguros.

No decorrer do seu processo histórico os negros africanos foram se organizando dentro das limitações que lhes eram impostos frequentemente. Fazendo uso dos subsídios naturais que podiam lançar mão tanto para tratar da saúde quanto para práticas religiosas, já que para eles saúde e religião estão totalmente ligados em uma única prática e seria inconcebível tratar de uma sem a outra, visto que para eles a cura viria, antes de tudo, do poder de seus deuses, orixás, os quais designavam o que deveria ser feito para obter a cura do mal existente.

No cenário religioso afro brasileiro, o Candomblé religião de matriz africana, não teria uma unidade em suas práticas, pois essas se diferenciavam de acordo com a região na qual era oriunda.

Tal religião se apresenta com tradições diferenciadas, de acordo com a nação de onde nasce e é possível, até hoje, distinguir as nações de onde são oriundas pela batida do tambor, pela forma que seus participantes dançam ou até mesmo pela forma como se dispõem a mesa de oferendas em seus rituais.

Os Candomblés pertencem a “nações” diversas e perpetuam, portanto, tradições diferentes: angola, congo, jeje (isto é euê), nagô (termo com que os franceses designavam todos os negros de fala iorubá, da Costa dos Escravos), queto, ijexá. É possível distinguir essas “nações” uma das outras pela maneira de tocar o tambor (seja com a mão, seja com varetas), pela música, pelo idioma dos cantigos, pelas vestes litúrgicas, algumas vezes pelos nomes das divindades, e enfim por certos traços do ritual. (BASTIDE, 2000, p, 29).

Se o candomblé por si só já se diferencia por seus rituais oriundos de nações africanas diferentes, podemos supor que mais diversificações surgiriam com o passar dos tempos, já que seus praticantes encontravam-se em território desconhecido com praticantes de diversas nações.

Assim explicam-se também as diferentes práticas do candomblé espalhadas por todo território brasileiro.

Ao longo de todo litoral atlântico, desde as florestas da Amazônia até a própria fronteira do Uruguai, é possível descobrir, no Brasil, sobrevivências religiosas africanas. [...] Por outro lado, “nações” iorubás são encontradas em outras regiões do Brasil: em São Luis do Maranhão, no Recife, no Rio Grande do Sul [...] (BASTIDE, 2000, p, 29).

Outro fato, já abordado anteriormente, no entanto impõe-se essa ação neste momento do texto, é a questão do sincretismo religioso, pois o Candomblé, religião de matriz africana do qual se originou a Umbanda, se apresentou com grandes diferenças ritualísticas desde o principio, é fato que o sincretismo já se fazia presente antes mesmo de sua chegada em território nacional.

Quanto às funções que exerciam e ao tratamento dado aos escravos trazidos para o Brasil, com o passar dos tempos, os negros escravos foram saindo da lavoura para cumprir outras funções, as negras, mais velhas, eram levadas a trabalhos na cozinha e na organização da casa, as mais novas eram treinadas para serem damas de companhia tanto das esposas dos Senhores quanto de suas filhas.

Os negros que exerciam função dentro das casas grandes dormiam nas próprias casas para que assim pudessem atender aos pedidos dos Senhores a

qualquer hora. À noite podiam sair por um curto tempo e participar do convívio com os outros escravos que dormiam em senzalas, galpões de madeira e palha onde alojavam os que trabalhavam na lavoura como nos mostra James (2000, p. 25):

Colocados para trabalhar como animais, os escravos eram alojados como também como animais em cabanas construídas ao redor de uma praça, com provisões e frutas. O tamanho dessas cabanas variava de sete a oito metros de largura por cinco de comprimento, divididas em dois ou três cômodos, separados por precárias divisórias. Não havia janelas e a luz entrava apenas pela porta. O chão era de terra batida; a cama, de palha, de peles ou apenas uma tosca rede estendida entre dois postes. Nelas, dormiam indiscriminadamente a mãe, o pai e as crianças. Indefesos contra os seus senhores, eles enfrentavam o trabalho excessivo, que tinha como complemento habitual uma alimentação fraca.

Tais Galpões, senzalas, eram trancados por fora e permaneciam vigiados todo o tempo para que os mesmos não fugissem. No caso de fuga, quando pegos pelos capitães do mato, que segundo Lopes (2006) seria a denominação dada aos indivíduos empregados pelos senhores rurais com o propósito de capturar, a laço ou a tiro, escravos fugidos, eles eram castigados, colocados em troncos de madeira e açoitados até sangrar, passando fome e sede e algumas vezes levando à morte, o que não era vantajoso aos donos das fazendas já que perdiam a mão de obra geradora de renda.

Porém, tal processo de açoitamento não acontecia só em casos de fuga, os escravos apanhavam e sofriam verdadeiras torturas por qualquer negativa de trabalho que fizessem, sendo eles homens ou mulheres e no último caso, mesmo grávidas não estavam livres dos castigos, viviam amedrontados pelos jagunços das fazendas, os homens para se tornarem dóceis e de fácil manipulação e as mulheres muita das vezes sofriam estupros tanto dos senhores quanto dos jagunços das fazendas e quando engravidavam não era dado a elas o direito de trabalharem em serviços menos árduos e nem tão pouco estavam livres dos açoites; continuavam sendo vistos apenas como animais geradores de renda e de prazeres a seus senhores. Como nos esclarece James (2000, p. 26-27):

Pela menor falta, os escravos recebiam a mais dura punição. Em 1685, o Código Negro autorizava o chicote, e em 1702 um colonista, um marquês, acreditava que qualquer punição que demandasse mais de cem chibatadas era o suficiente para ser levada às autoridades. Depois, o número foi fixado em 39, subindo mais tarde para cinquenta. Mas os senhores não prestavam atenção a essas regras e os escravos eram, não muito raramente, açoitados até a morte. O flagelo não era uma simples cana ou uma corda

tecida, como determinava o Código. Algumas vezes, era substituída pelo *rigoise* ou correia grossa de couro de vaca, ou então pelas *lianes*, que eram juncos que cresciam no local, flexíveis e maleáveis como barbatanas de baleia. Os escravos recebiam o chicote com mais regularidade e certeza do que recebiam a comida. Era o incentivo para o trabalho e o zelador da disciplina. [...] A mulher grávida não era tampouco poupada aos “quatro postes”; um buraco era cavado na terra para acomodar a criança ainda não nascida.

Em noites de lua cheia era permitido aos negros momentos que para os senhores de origem européia pareciam dança e lazer enquanto aos escravos ali se manifestavam rituais religiosos por ser o Candomblé uma religião onde seus praticantes tanto homenageiam seus orixás, denominação dada aos deuses africanos, quanto fazem seus pedidos e oferendas através de muitas danças, comidas típicas da religião e movimentos de transe que para os participantes representam a incorporação dessas divindades em seus corpos.

Durante os feriados, quando não estavam trabalhando em suas hortas particulares, ou dançando, sentavam-se por horas a fio em frente a suas choças sem apresentar sinais de vida. Esposas e maridos, crianças e pais, eram separados de acordo com a vontade do senhor; e um pai ou um filho que se encontravam depois de muitos anos ou em festas em noite de lua cheia, onde praticavam seus rituais, não se saudaram e nem sequer demonstraram algum sinal de emoção, sempre observando o olhar observador dos senhores (JAMES, 2000, p. 29).

Com a parceria existente entre os senhores de escravos e o clero, por muitas vezes os negros passaram a sair das fazendas para se dedicarem a construção de templos religiosos, uma espécie de indulgência pagas pelos senhores com a finalidade de pagarem seus pecados diante de “Deus”.

Acredita-se ter surgido aí o resignificado da religião dos escravos, que proibidos de exercerem seus rituais passam a visualizar seus orixás nos santos católicos em um sincretismo mágico que só os escravos entendiam.

Ao construir os altares de santos europeus, os negros enterravam em baixo desses pedestais artefatos que representassem seus deuses. Assim ao adentrarem nos templos dos brancos, os escravos encostavam suas cabeças no chão representando um sinal de respeito que era visto pelos senhores com subserviência a eles e, no entanto esse sentimento era entregue aos deuses africanos.

Nasce assim a Umbanda, única religião considerada tipicamente brasileira como nos esclarece Saraceni e Xaman (2003, p.17):

As histórias são muitas, as definições se perdem no tempo, pois a Umbanda não tem uma codificação e também não tem padrões pré-estabelecidos. Algumas narrativas tem mais de 300 anos. Outras, que derivou da desistência de sacerdotes africanos, que para fugir da escravidão adaptaram os rituais nativos aos da igreja católica, e mais tarde seguiram padrões do espiritismo europeu.[...] Umbanda optou por adaptar seus conhecimentos aos rituais católicos, evitando assim que seus companheiros sofressem castigos e ao mesmo tempo pudessem praticar seus rituais camuflados(entravam os símbolos dos deuses africanos debaixo dos altares católicos e faziam suas rezas e cantos tocando o solo com a mão e a testa, para reverenciar os símbolos enterrados).

5.2 Evolução: construção e reconstrução dos ritos

Processo de construção e reconstrução dos ritos religiosos da Umbanda os negros passaram a reorganizar a forma de contemplar seus deuses e de praticar a religiosidade sem perder sua origem.

Passaram a aproveitar as datas comemorativas do catolicismo para festejar seus orixás. Assim, dias de santos padroeiros, denominação dada pela igreja católica a escolha de um de seus mártires como protetor do local, passara também a ser comemorado um de seus orixás. Surgindo assim a denominação dada pelo cristianismo da época de lado religioso e lado profano da comemoração.

Assim, há um sincretismo originário entre as próprias divindades vindas da África, ao qual se acrescentam outros sincretismos desenvolvidos com as tradições do catolicismo luso-brasileiro, inclusive com as lendas de D. Sebastião. Com doenças contagiosas e epidemias eram comuns e dizimavam muitas pessoas em diversas regiões do Brasil. Pelo menos até as primeiras décadas deste século, estas devoções africanas e católicas se fundiram, persistindo até hoje(FERRETTI, 1995, p, 150).

Mais uma vez nota-se a resignificação dos ritos como fonte inesgotável na sobrevivência de uma fé tão discriminada, tanto na época quanto em tempos atuais.

Se torna muito complicado ser umbandista até hoje. Mesmo antes de receber o terreiro da mãe, eu já pensava nas festas, pros outros é só festa, mais pra nois é não.

É nossa forma de homenagear nossos santos. *Prá isso nois tem que pedir permissão na policia, aí eles mandam uma patrulha de hora em hora no terreiro, é que soquem pratica não vê como uma festa de bebida e comida e sim como ritual mesmo.*

A cada ano venho tentando mudar essas festa. *Assim, começando mais cedo pra termina mais cedo e fazendo as oferendas Também mais cedo.*

Os médium fica muito cansado, nois fica muito cansado, sem falar no povo que vem só pra comer e beber.

Os tempo de hoje tá muito perigoso, não dá mais pra ficar de porta aberta a noite toda, esperando as horas grande pra fazer oferenda. Se no tempo da mãe já era complicado imagina agora. (Iansã entrevista dia 07 de Junho de 2012, grifos nossos)

A Umbanda é uma religião de muita comida, bebida e dança, porém a profundidade do conhecimento sobre a Umbanda, ainda é restrita àqueles que vivenciam seus rituais, suas histórias, seu sincretismo natural.

A cada dia surgem novas oferendas e novos assentamentos de forças e de poderes, formas essas desenvolvidas pela espiritualidade que atua na Umbanda por intermédio de seus médiuns de incorporação e de trabalhos espirituais.

Devemos nos guiar pelo bom senso e pela razão para não cairmos no ridículo, pois a Umbanda é religião e não deve ser maculada por pessoas desequilibradas ou com emocional exacerbado por coisas sobrenaturais.

A lógica e o bom senso tem que prevalecer em nossas ações e nos guiar em assuntos tão importantes para nosso bem-estar espiritual e nossa segurança no relacionamento com o mundo espiritual (SARACENI, 2011, p. 11).

São práticas naturais da Umbanda, fazer oferendas e prestigiar as entidades em festas com muitas cantorias e fartura. Prática essa que requer muita disponibilidade e compreensão de seus seguidores. Compreender, antes de tudo que as festas também são atos ritualísticos e requer toda uma preparação com o divino e não simplesmente cozinhar, comprar bebidas e preparar roupas.

*Dia de festa aqui é bão, muito trabalho, mais é bão, eu num sei explica não moça, maisi sei **que me sinto bem, fico mais leve num sabe?** Parece que sai um peso das costa, eu gosto e to gostando mais agora porque a menina mudo muitha coisa, nois num fica mais até tarde e cumeça tudo maisi cedo. Ah! Tem tumbem uma coisa que eu num gosto, é a bebedera que o povo traise de fora praque aqui num tem não, maisi nois num pode impidi quem traise de fora né? **No tempo da Cota podia fora do salão, mais cum a minina nem fora do salão. Muita gente tem se fastado de nois aqui. Maise é cumo ela diz, fica quem quer levar a sero. Eu quero. (Obá, entrevista dia 10 de agosto de 2012, grifos nossos).***

Sincretismo, nem sempre significa misturar-se a outras práticas religiosas causando mudanças na estrutura de uma crença, contudo ao mudar um dirigente ou ao atrair um número significativo de pessoas e culturas diversificadas já se causa um sincretismo religioso.

A mudança de algumas práticas sem mudar a essência, já pode ser considerado um sincretismo e de muita valia, pois não se pode crer que nunca se reconstrói algo ou que nada é inabalável a ponto de nunca sofrer mudanças.

*Sinto que cresço a cada dia, a **Umbanda que passo a conhecer dia a dia não é a mesma que entrei a anos atrás**. Sinto que tenho que estudar mais, como Juremeiro ainda tenho muito que aprender, tenho mudado muitas coisas, não encontro mais as folhas do caderninho da Dona Cota, tenho pedido ajuda a outras pessoas, até o professor Frazão já fui procurar. **Tenho receio de modificar algo dentro dos fundamentos, mais acho que não.***

*Mudamos o horário de algumas orações antes do maceramento das ervas e plantas, principalmente dia de festa, pois tenho que dar o banho das entidades e dos médiuns mais cedo. **Sei que é pra melhor, mais às vezes tenho medo de causar algum impacto prejudicial. O que me torna mais seguro é a segurança da Mãe de Santo, ela só é pequenina, mais é bem segura no que faz e manda, ela manda. (rizos).***

Os rituais não perderam seus encantos, só o tempo que mudou, fazemos as coisas mais cedo e de forma mais rápida, sinto que demoramos menos mais nem por isso deixamos de cumprir com nossas obrigações.

Esse foi o primeiro ano das mudanças, sei que a Mãe de Santo tá correta e que nos fez bem. No dia seguinte não acordamos tão esgotados quanto o outro ano. Espero que Dona Cota, onde esteja, esteja feliz. Acho que sim(Ossaim entrevista do dia 07de Julho de 2012, grifos nossos).

Ao pensar em reconstrução automaticamente fala-se de evolução, nada nem ninguém cresce sem mudança sem abrir a mente e o coração para novas perspectivas, com a religião não poderia ser diferente e se tratando da Umbanda, que ainda é tão nova diante das outras práticas religiosas, o resignificar é o mesmo que construir a cada dia, é aceitar pessoas novas, idéias que renovam os caminhos de uma prática ainda tão desconhecida por todos e por isso tão criticada e temida. Tende-se a ter temor de tudo que não conhecemos, e como deixar de ter medo se não dos damos oportunidades de conhecimento?

Cada tipo, um estilo de vida; cada personagem, um modelo de conduta. São exemplos de um vasto repertório de tipos populares brasileiros, emblemas de nossa origem popular, máscaras de nossa identidade mestiça. As entidades sobrenaturais da Umbanda não são deuses distantes e inacessíveis, mas sim tipos populares como a gente, espíritos do homem comum numa diversidade que expressa a diversidade cultural do próprio país. Uma vez escrevi que a “Umbanda não é só uma religião, ela é um palco do Brasil” (PRANDI, 1991, p. 88)

A Umbanda pode ser considerada como uma religião híbrida, pois traz consigo traços de várias outras religiões, talvez pelo fato de ser exclusivamente

brasileira e ter como adeptos pessoas que já participaram de várias outras práticas religiosas.

Percebem-se nela traços marcantes do kardecismo no que se diz respeito às práticas da caridade e do cuidado com a natureza, onde essa última encontra-se também vários laços com o budismo, ambas religiões espiritualistas que de certa forma colaboram para o ressignificado da Umbanda.

A aproximação com o kardecismo foi vital para a formação da Umbanda em termos ideológicos (Negrão,1996). Veio do espiritismo de Kardec a concepção de mundo que proporcionou a remodelação das bases éticas, da religião afro-brasileira, fosse ela africana ou cabocla. Era o nascimento da Umbanda, de feições branca, porém mestiça, uma nova forma de organizar e unificar nacionalmente as tradições caboclas das religiões afro-brasileiras (PRANDI, 2008,p. 42)

5.3 Pontos de conflitos

São muitos os pontos de conflito trazidos pela Umbanda, desde a sua origem, Candomblé, até os tempos atuais. Por sofrer influencia de outras religiões como Cristianismo Católico e o Kardecismo, a Umbanda vive uma constante luta entre o bem e o mal, onde o bem se enquadra na pratica da caridade bastante difundida pelo espiritismo europeu de Allan Kardec e o mal representado pelas oferendas do Candomblé, onde se trava uma batalha árdua entre desmanchar ou fazer trabalhos em prol de um desejo como nos afirma Prandi (2005, p. 132-133):

A Umbanda manteve da matriz africana o culto aos orixás, o transe de possessão e o rito dançado, mas suas cerimônias, oficiadas em português, são bem mais simples e acessíveis. Diferente do modelo africano, sua concepção de mundo é fortemente marcada pela valorização da caridade, ou seja, o trabalho desinteressado em prol do outro, muito característico do kardecismo, religião de inspiração cristã no plano dos valores. [...] A incorporação da noção cristã de um mundo cindido entre o bem e o mal, associada à necessidade de praticar a caridade, fez com que a umbanda se afirmasse como religião voltada precipuamente para a pratica do bem. Todas as forças religiosas deveriam ser canalizadas para caridade. Isso não impediu, no entanto, que junto à pratica do bem pelas entidades do chamado panteão do bem ou da direita, surgisse, desde o inicio ainda que de modo escondido, uma “face inconfessa” do culto umbandista.

Essa luta faz reportar a uma espécie de universo paralelo onde o que nos é desconhecido, parece sofrer estrangimentos e por tal motivo faz com que tais

práticas sejam feitas de forma escondida. Segredos que não necessariamente poderia ser considerados secretos e só são por não ter a determinação de lutar por algo desconhecido.

A mãe me ensinou a ter respeito pelos exus, povo de rua, você sabe quem são né? Seu Zé Pelintra, Pomba Gira Cigana, Pomba Gira Sete Encruzilhada, Maria Padilha, Tranca Rua, infim, o povo de rua, os que corre berada. Ela falava pra eu ter cuidado com eles, pra eu receber, trabalhar, mais respeitar.

Aqui no Salão não se pode beber, nem quando eles pede, a mãe falava que o médium faz o espírito não o espírito que faz o médium. Mais já vi cada coisa ó! que me deixa de cabelo em pé e me dá até medo, num sabe?

Fico pensando as vez, e se é bom, porque que eu tenho que ter medo? Se é bom porque não faz todos os trabalho? Sei lá, tenho certas perguntas dentro de mim que as vez me deixa louca, me faz pensar até se nasci pra ser mãe de santo mesmo ou não. Cansei de falar pra mãe: não quero isso pra mim, não vou dá conta, quero trabalhar, quero ser alguém na vida. Mas to eu aqui; Mãe de Santo herdada, não escolhi, me fizeram e eu vou cumprindo até a hora que Deus assim me permitir.

Olha, quero que entenda, que não reclamo por ser mãe de santo e sim por não ter tido o direito de escolher, isso é muito complicado. Como você mesmo perguntou, agora eu sei, acho que esse é meu principal ponto de conflito, queria ter tido o direito de opinar, quero ser ou não quero ser. Só isso. (lansã entrevista dia 07 de Junho de 2012, grifos nossos).

Não conhecer, nem sempre significa ter medo de algo simplesmente por ser sobrenatural. Na umbanda é assim, alguns trabalham diretamente com o sobrenatural que oferece medo muitas vezes disfarçado em respeito, algumas funções apresentam o conflito por estar diretamente ligado a vida de outras pessoas.

Natureza, espiritualidade e divindade interagem entre si por intermédio dos portais mágicos e devemos depositar dentro deles elementos retirados ou colhidos na natureza ou manufaturados, etc.

Alimentos, bebidas, manufaturados, frutas, flores, sementes, etc. podem ser colocados dentro do espaço mágico ou espaço de trabalho mágico que, assim que forem colocados, têm seus três lados ativados.

Sim, tudo na criação possui três lados: um lado natural, um lado espiritual e um lado divino (SARACENI, 2011, p, 57).

As ervas e plantas são de primordial importância nos rituais umbandísticos, pois, o Juremeiro tem como função a cura. Orientado pelas divindades através da espiritualidade, eles manipulam com as plantas na busca pela cura dos indivíduos que os procura.

Volto à afirmar, quando me vi juremeiro, como falei antes pra você, me senti perdido. Até pouco tempo eu só acompanhava a Dona Cota, minha sogra e achava muito legal tudo que eu via e ouvia.

Ela cantava, doutrinava, pegava as plantas, macerava esfregando as folhas uma nas outras em uma grande bacia de barro, aqui nos chamamos de alguidá, ela pedia ao santo que ela chamava e chamava também o nome da pessoa para quem era a garrafada.

Aí, de repente, Dona Cota se foi e eu fiquei com o posto de Juremeiro. Sabe, não tem um dia da minha vida que esteja fazendo garrafada que não me bate um medo de tá fazendo a coisa errada e que eu posso até matar alguém. Dona Cota dizia: confia, confia que vai dá tudo certo.

Eu acredito na Umbanda, nas divindades e nas ervas e plantas, mais me bate um conflito interno;será que nasci pra isso mesmo? será que não to no lugar errado? E se eu errar na dosagem de alguma planta, não tenho quase nada escrito, isso pode me prejudicar.não dá pois sou professor. As pessoas pedem que eu fique mais dias, mais não entendem a responsabilidade que é preparar algo que a pessoa espera com fé e acredita que vai ser curada.

E como vou preparar remédio sem a matéria prima que são as plantas? Tá muito complicado, se não fosse herança juro que desistia, não que eu não goste, pois gosto muito, mais por não poder me dedicar exclusivamente pra religião e cura.

Meu Deus, quanta responsabilidade, não me achava preparado pra logo mais já que veio, vamos continuar os Estudos.(Ossaim entrevista do dia 10 de Julho de 2012, grifos nossos).

O desconhecimento, algumas vezes leva a pessoa a viver com mais calma ou com conflitos menores, parece que em alguns casos podemos utilizar da máxima que quanto maior a ignorância menor os conflitos internos e os desejos de grandes amplitudes.

Porém não se pode afirmar que ignorância significa falta de saber, pois os saberes vão muito além eles independem da forma de vida e do caráter acadêmico.

A educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educando. Existem graus de educação, mais estes não são absolutos.

O homem por ser inacabado, incompleto, não sabe de maneira absoluta. Somente Deus sabe de maneira absoluta.

A sabedoria parte da ignorância. Não há ignorante absoluto. Se um grupo de camponeses conversa sobre colheita, devemos ficar atentos para a possibilidade de eles saberem muito mais que nós.

Se eles sabem selar um cavalo e sabem quando vai chover, se sabem semear, etc., não podem ser ignorantes [...] o que lhes falta é um saber sistematizado.

O saber se faz através de uma superação constante. O saber superado já é uma ignorância. Todo saber humano tem em si o testemunho de um novo saber que já anuncia. Todo saber traz consigo sua própria superação. Portanto, não há saber sem ignorância absoluta: há somente uma relativização do saber ou da ignorância (FREIRE, 2008, p, 28, 29).

Assim, segundo as ideias de Freire, os conflitos podem até ser em menores proporções dependendo da ignorância humana, mais necessariamente não

representam falta de saber, Pode-se até arriscar em afirmar que o saber popular faz com que essas pessoas enfrentem de maneira mais direta os problemas não os considerando necessariamente conflitos.

Conflito é quando nois num se agrada de alguma coisa né? Nois num gosta assim né? Olha dona eu acho que gosto de tudo, num sabe? Tem coisa que dói em nois mais dispois passa e fica normal.

Num gosto quando o povo me chama de catimbozeira, isso eu num gosto, acho é ruim, num sabe? Eu gosto tanto do terreiro e das reza que num gosto não de ser chamada de catimbozeira não.

A Cota falava pra eu num ligá, mais como num ligá se dói né? O povo nem num sabe o que nois faiz aqui e fala. Oia! Aqui nois reza pa tanta gente, moça bunita, a senhora sabe, num sabe? Nois rezô foi muito pra senhora ficá boa da doença num foi? A senhora tumô as garrafada e tai contando hitória num é? Então? Nois num faiz male não, é pur causa disso que as vez nois que até saí daqui num sabe?, mais nois lembra da Cota que ela falava pra nois num ligá. E eu tento num ligá.

A minina tá fazendo um trabaio bunito no terrero mermo falando que num qué mais tá, a senhora num acha? A isquici a senhora num pode responde né? A senhora é tão bunita, dava uma cigana bunita num sabe?

Ah, tá! Só num gosto disso, isso me dexa triste cum vontade de disistí. Mais num disisto não.(Obá, entrevista dia 10 de agosto de 2012, grifos nossos).

Nesse aspecto, nota-se na expressão dos sujeitos que foram e são gerados os mais diferentes conflitos quanto a religiosidade e suas mudanças.

O importante e perceber que mesmo diante de tais barreiras internas, a fé e a vontade de ver respeitar-se quanto umbandista é o que ao mesmo tempo, gera e da resolutividade a tais conflitos.

5.3.1 Evolução dos tempos X resignificação da cultura

Sincretismo é uma palavra mágica, com significados e resignificados. A evolução dos tempos com o percorrer da história causa mudanças em todos os aspectos, e porque não causaria no âmbito religioso? Iniciar um tópico como esse com a palavra 'sincretismo' é o mesmo que afirmar as mudanças causadas pelos amanhecerem da vida.

No desenvolver histórico dos tempos, nada permanece estático e todos os movimentos, perceptíveis ou não causam mudanças pois são elementos diferentes que se fundem sejam eles culturais ou não, algumas vezes até antagônicos mas

nunca perdendo suas raízes, seus traços originais e o que seria isso se não o Sincretismo? É fato que toda evolução nos leva a um sincretismo e conseqüentemente a uma resignificação de uma cultura, como se recodificasse cada passo no decorrer da história trazendo à religião e aos seus participantes mudanças em todo um contexto de vida.

Nina Rodrigues é o fundador do campo de conhecimentos científicos afro-brasileiros. A palavra sincretismo, relacionada a seus escritos, já era utilizada na época por Marcel Mauss (1901,p.224) na resenha L'Annee Sociologique, elogiando a "elegante monografia do médico baiano". Não chegamos entretanto a localizar a palavra sincretismo em seus trabalhos. Nina Rodrigues, entretanto, discorre muitas vezes sobre fenômeno, utilizando expressões equivalentes, tais como: fusão e dualidade de crenças, justaposição de exterioridades e de idéias religiosas, associação, adaptação e equivalência de divindades, ilusão da catequese e outras (FERRETTI, 1995, p, 41).

Ao fazer parte de um movimento cultural, seja ele religioso ou não, o ser humano tem que se sentir livre para gozar dos prazeres e cumprir os deveres de sua própria escolha.

Só quando o individuo se sente livre para sua escolha é que ele pode agir por essa escolha, caso contrário, seu movimento de ação torna-se limitado e irreal. É com a liberdade que o ser humano se sente livre para definir suas próprias escolhas e cria capacidade de agir em prol de um bem comum e assim alcançar seus ideais.

O homem, quando livre, pode refletir e mudar seu comportamento de acordo com as suas decisões e estado de espírito, a liberdade é condição fundamental para se tornar aberto a mudanças e como não existe aprendizado sem que se mude algo, logo a liberdade é a principal ferramenta na ação de mudança.

Mesmo sabendo que são grandes as limitações para se obter a tão desejada liberdade, a luta constante para tal finalidade é o que faz o ser humano não se entregar a desistência de suas escolhas.

Tais barreiras sejam elas de ordem física, econômica, psicológica ou social, de uma forma dura elas contribuem para a evolução e resignificação de ideias que se transformam em atos através das ações de uma pessoa conseqüentemente de uma comunidade.

No caso da religiosidade, nenhuma palavra explicaria melhor que o Sincretismo dessas ações. Poderia, sem dúvida alguma, afirmar que só a liberdade

dá subsídio suficiente à mudanças, à um resignificar de uma cultura, a um momento inebriante de perceber que o Sincretismo vem com o tempo, a evolução e o desenvolvimento de um povo, logo, tudo que tem movimento cresce e não pode ser visto apenas como algo prejudicial.

A condição natural do desenvolvimento humano já leva a um sincretismo de suas ações sejam elas religiosas ou não.

Resignificar, assim, pode significar crescimento, desenvolvimento desde que não se perca a consciência humana de que a mudança não estruturada, também pode levar a uma desestruturação de uma cultura.

Liberdade é a capacidade de o indivíduo agir para o bem comum por livre escolha. Ele determina aquilo que quer se e escolhe o caminho para alcançar seu ideal: a inteligência ilumina a decisão, a vontade executa o que foi decidido. No entanto há muitas limitações para a liberdade, de ordem física, econômica, psicológica e social.

A liberdade é qualidade essencial da pessoa humana: ela pode ser maior ou menor, dependendo dos condicionamentos a que está sujeita. Há os que pensam que são livres, quando desobedecem à ordem social e seguem os impulsos, quando fazem tudo o que querem. Isso não é liberdade, mais libertinagem.

A verdadeira liberdade possibilita ao homem desapegar-se de muitas coisas para ser senhor de si, escolher o caminho do bem e seguir por ele. Toda pessoa se sente bem quando pode escolher, optar, decidir e realizar, fora de imposições alheias (BRUGNARA, 1950, p. 55).

Toda evolução requer sacrifício das pessoas que se encontram envolvidas no contexto da história. Muitas vezes a pessoa pode até achar que não faz parte do momento só por não se ver em determinado espaço relativo à mudança, esses são os participantes não ativos mais que de uma forma ou de outra sofrem com essas mudanças. Algumas vezes não tem o poder da escolha mais acabam direcionando varias outras escolhas dentro do processo de resignificação dessa cultura.

Como já falei, não tive a liberdade de escolha, quando vi já era mãe de santo, e estarei nessa condição enquanto o Deus assim quiser. Mais se to aqui né! O que fazer? Trabalhar direito.

*Muita coisa mudô desde que a mãe abriu esse terreiro até hoje. Lembro quando eu era criança e corria pelo mato, às vez eu nem sabia que a mãe tava perto de mim e topava com ela numa moita de capim santo; cê sabe o que é né? Capim cherôso, aquele que o povo chama de capim limão e faz chá pra calmar o estomago, os nervo; capim. **Aí ela falava: Jú mia fia vem cá vê a mãe pegá planta pra aprendê pro que serve; eu até achava legal, imaginava que tava brincando de casinha e fazendo comidinha e remédio pras buneca de pano que a mãe fazia, nem imaginava que minha brincadera ia virá coisa séria.***

Mais como eu tava falando, muita coisa mudô. Com o tempo a mãe construiu o barracão, ela e o pai, depois viro salão e só com ajuda dos

*santos dela, num sabe? Olha eu acho que isso deu muita inveja nas coisa da mãe, mais ela falava que num tinha problema. **Aí ficou mais complicado de ter as planta grande, porque cê vê né? O salão é muito grande, e ainda tem a casa do pai, a minha, a do meu irmão e a cosinha de festa. Depois que a mãe fico mais velha ela também foi mudando umas coisa aqui, ela tinha muita vergonha de não sabê lê nem escrevê, aí nois tinha muita prigiça de ir pra escola porque era longe e a mãe falava que nois não ia mais nas festa nem podia entrá no barracão se não estudar. Depois ela disse que ninguém mais ia entrá na gira.’ Já ia esquecendo, tem que explicá né’ a gira é dançá pra receber e homenagear os santos’ Foi bom, nois fomos deixando de ser chamado de macumbeiros burros. Depois abriu uma escola perto daqui aí ninguém mais fico sem estudo aqui no terreiro.***

*Antes da mãe morrer, eu já tava aos poucos assumindo sem saber, aí eu conheci meu marido, que é o Juremeiro, e nois teve a ideia de **fazer estudo da religião, até cê nos emprestou uns livro, coisa que nois num sabia, o que se sabia era o que a mãe contava, e agora nois lê muito. O salão criou outra cara, o povo aqui tem mais orgulho da religião e o ultimo livro que cê emprestou, fez nois vê que nossa religião tem muita coisas de outras religiões e as outras da nossa. É engraçado isso. Muita coisa mudo aqui e eu acho que pra melhó.**(lansã entrevista dia 08 de Junho de 2012, grifos nossos).*

Se por um lado as mudanças podem representar crescimento, por outro podem pontuar preocupações que levam a um olhar negativo dentro de um determinado contexto. Não se pode de maneira alguma determinar quem detém o conhecimento, pois não se pode definir o valor de um conhecimento seja ele empírico ou acadêmico.

Evidentemente, os grupos populares têm uma longa experiência de uma série de coisas e ninguém se expõe a uma experiência sem ser ensinado. Se você passa por uma experiência, a experiência passa por você, e aí, nesta mútua “passagem”, fica um conhecimento que a experiência deixou. O que acontece é que quando a experiência se dá no âmbito da cotidianidade de um certo que fazer, a pessoa que está sendo “atravessada” por essa experiência não tem condições de operar epistemologicamente. Para isso é necessário que eu me separe da experiência, que me afaste, que faça o que na teoria do conhecimento se chama de “tomar distancia”, e ao tomar distancia epistemológica, ponho em minhas mãos o próprio fato que me desafia a conhecê-lo. É simplesmente isso que falta aos grupos populares para superar a ingenuidade do seu conhecimento. Eles têm um acúmulo de conhecimento, mas não alcançam a razão de ser desse conhecimento. É isto que permite superar o “senso comum”, atravessar o “bom senso” e se aproximar da rigorosidade que pretendemos no conhecimento acadêmico (FREIRE, 2004, p, 143).

Quando o caráter evolutivo de um grupo depende de reações externas as quais nos parece definir com o tempo, no caso a natureza, e dela dependem a matéria prima que dá seguimento aos rituais da sobrevivência dessa religião, só resta lutar pelo pouco que ainda tem ou deixar que a mesma se segregue com

outras praticas religiosas mais não deixando que perca sua essência já que ao perder o essencial automaticamente deixa de sofrer o sincretismo perdendo assim a resignificação. Passa a ser outra prática, outra matriz.

O que realmente vale é a consciência de quem a pratica, é não se deixar perder por valores materiais irreais que jamais fizeram parte de sua essência.

*Quando paro pra ler o caderninho da Dona Cota, que já não tem muita coisa, pois não era ela que escrevia e sim as pessoas que acompanhavam ela na hora de preparar as garrafadas, percebo que muita coisa não existe mais e isso me preocupa, **Se determinada planta, folha, como por exemplo o manjeriço, que todo mundo conhece, é fundamental pra preparar banho pra problema de pulmão não se encontra mais, como que eu vou melhorar a pessoa? O que que eu coloco pra substituir?** Aí eu começo a estudar, é complicado pra mim que nunca trabalhei com plantas anteriormente. Tenho lido muito sobre as plantas pois é o que me resta. **Muita das plantas que a Dona Cota usava não existe mais e eu fico meio perdido, sem falar no nome delas que são diferentes, às vezes parece que a Dona Cota inventou apelido pra elas, agora que você me emprestou aquele dicionário de africano e brasileiro eu até encontrei algumas das plantas por lá.***

*Fico pensando: **a Natureza é a mãe pra tudo mesmo, e os homem são uns assassinos das próprias mães que no caso é uma só, a Natureza. Acho que isso se chama matricídio (risos), se não é deveria ser.***

Tenho tentado desempenhar meu papel dia a dia, mais tá complicado, Essa semana eu fui lá em Amarante, aqui pertinho uns 60 quilômetros, fiquei muito triste, até o riacho que eu tirava as plantas d'aguas boas pra curar inflamação de mulher, tava tão seco, tão seco que num tirei foi nada. Não achei nem o pé de aroeira, que era bem grande e dele eu retirava as folhas e o entrecasco também pra inflamação de mulher. Aí eu é que lhe pergunto doutora, o que vai ser do Juremeiro da Umbanda? Qual mesmo vai ser minha função? A Senhora que tem conversado com tanta gente, será que só eu to vendo isso? (Ossaim entrevista do dia 10 de Julho de 2012, grifos nossos).

Toda Cultura passa por resignificações com as mudanças oriundas do tempo. A premissa que o Tempo é o pai de todas as dores se enquadra muito bem em determinadas situações, porém, o tempo também pode ser considerado o pais de muitas dores e muitos desaparecimentos.

O conhecimento empírico não impede de ver o quanto andam errado os movimentos que muitas vezes transformam as culturas. A experiência de vida de um determinado grupo pode ultrapassar os mais diversos graus de conhecimento mesmo sem ser notado por seus praticantes.

A curiosidade de um participante já o leva a um constante aprendizado. A busca pelo saber mesmo quando não sabe que esta buscando o faz completo no processo de ensino aprendizado.

Não há para mim, na diferença e na “distância” entre ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação. A superação e não a ruptura, se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade epistemológica, metodicamente “rigorizando-se” na sua aproximação ao objeto, conota seu achado de maior exatidão. Na verdade, a curiosidade ingênua que, “desarmada”, está associada ao saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, criticizando-se, aproximando-se de forma cada vez mais metodicamente rigorosa do objeto cognoscível, se torna curiosidade epistemológica. Muda de qualidade mas não de essência (FREIRE, 1996, p, 31).

Achar que não contribui por não saber ou não se equiparar a outros membros de um determinado grupo cultural, não o faz menos importante. Às vezes a questão do tempo de participação nesse grupo o faz mais importante, em determinados momentos, que o próprio líder do grupo.

*É sinhora, muita coisa mudo aqui mermo, **muita coisa essa preta veia já viu acuntecê, Tem coisa que até Deus duvida.** Dos tempo da Cota pra cá, eu digo do tempo que ela construiu o terrero num sabe? Num é de que quando ela morreu não, porque a Cota era ingrçada, prque nois é veia né? **Mais ela via as coisa e achava normale, eu nunca achei não sabe, mesmo os minino que são muié e as muié que são minino, mesmo isso eu num acho normale não.***

Eu já disse pra sinhora que eu num sei lê nem escrevê né? Só sei contá e sei tumbém conhecê planta e é de cabeça porque eu num sei iscrevê. A menina até que tento insiná eu e a Cota, mas num deu: “sabão em cabeça de burro veio não espumamais”.

*Oia moça bunita! eu nem num sei porque que a menia Jú insiste tanto que eu viva aqui, num sabe? **Ela tem mudado muita coisa mais mermo assim ela me pede pra vim todo dia que Deus dá. Acho tão bunito quando ela diz assim: Dona mocinha, é meu apilido, a sinhora sabe né? Como nois faz isso? O que que a sinhô acha disso? Minha fia, eu fico filiz pelo respeito dela cumigo.** Acho que é porque cum a mãe dela era a mesma coisa. A Cota tudo que fazia me chamava e nois brincava muito. (risadas).*

***Sinto muito mermo é pelas prantas e pelas erva, agora nois trabaia mais com coisa comprada do que com que nois faiz, num se acha mais mermo.** E oia que o minino prucura, ele pega sai aí nas mata e prucura e vorta cum poço e cum pouca coisa.*

Num sei onde nois vai pará não, O que nois faiz é tão bunito e daqui um poço nois num vai mais pudê fazê. É isso que essa preta vê, num sabe? (Obá, entrevista dia 10 de agosto de 2012, grifos nossos).

5.3.2 Territorialidade

O município de Imperatriz se posiciona no meio norte do Brasil, na região sul do Maranhão com área total do município é de 1.367,90 km², que corresponde aproximadamente a 0,46% do território do Estado (333.365,6) km². (IBGE, 2012).

Segundo informações tomada pelo Senhor Mário Pereira Amorim, presidente da Associação de Religiões de Matrizes Africanas da Região Tocantina, associação a qual abrange os municípios de Imperatriz onde como sede.

Ao norte da cidade encontra-se os municípios de São Francisco do Brejão, Cidelândia, São Pedro da Água Branca, Vila Nova dos Martírios e Açailândia. Ao sul: Governador Edson Lobão, Campestre, Porto Franco, Grajaú, Barra do Corda. A leste: João Lisboa, Cumaru, Amarante, Buritirana, Davinópolis, Senador La' roque. A oeste São Miguel do Tocantins, Bela Vista do Tocantins, Praia Norte, Augustinópolis e Sampaio, todos estes cobertos pelo amparo legal da referida associação.

Diante de tais informações podemos confirmar que há muitos anos atrás, os terreiros se localizavam em zonas consideradas rurais, rodeados por muita mata nativa, nascentes de rios e riachos.

A natureza viva em todos os seus aspectos era comum encontrar bichos nativos de diversas espécies. Relatam os moradores mais antigos que ao chegarem ao local a impressão que tinham é de estar dentro da própria floresta amazônica onde em certos momentos podiam ouvir suas próprias respirações.

Com o desenvolvimento urbano, a cidade de Imperatriz que iniciou as margens do Rio Tocantins, área leste da cidade, expandiu-se em direção aos seguintes municípios: ao sul, Bananal, Ribeirãozinho, Ribamar Fiquenhe; ao norte ao município de Cidelândia como via de acesso a estrada vicinal conhecida como Estrada do Arroz e a Oeste as Cidades de João Lisboa, Cumaru e etc., sendo que sua região central ainda hoje se considera as proximidades do Rio Tocantins.

Como citado anteriormente, os terreiros encontravam-se em áreas afastadas, consideradas, na época, zona rural. O Terreiro de Santana, localizado anteriormente fora da zona urbana, hoje apresenta como seu endereço a Av. Jacob s/n no bairro Vila Redenção II apresentando como bairros circunvizinhos a Vila

Redenção I, Vila Lobão e a Vila Cafeteira e sua principal via de acesso é a Avenida Pedro Neiva de Santana, uma Rodovia MA. Muito utilizada tanto pela população de moradores dos Bairros que a cercam como pela população que diariamente faz o movimento pendular das cidades de Imperatriz, João Lisboa, Cumarú e Amarante (IBGE, 2012).

Logo, o que anteriormente considerava-se como zona rural, hoje são bairros populosos e de acesso livre a outros municípios.

A maior preocupação do crescimento desordenado das cidades deveria ser a perda dos espaços verdes, das matas nativas, da poluição dos rios, porém o que se encontra é uma grande preocupação das construtoras em abrir espaços para construções megalomânicas, que trazem rentabilidade para a economia local mesmo que a longo prazo o prejuízo seja maior.

A falta dessa preocupação trás também a poluição de riachos e nascentes, fazendo desaparecer o que antes seria o alicerce de uma cultura tão importante para humanidade.

Perder espaço para religiões de matrizes africanas, em especial a Umbanda, é perder parte de seus fundamentos, O Umbandista tem em si a consciência de que sem a natureza ela não tem nem como se resignificar, pois não existirá a raiz elementar de seus princípios. Todo Umbandista teria que ser necessariamente um ambientalista para que seus princípios não morram. Não existe resignificação quando deixa de existir os princípios de uma religião, não existe sincretismo se não persistir a base.

É preciso que todos umbandistas saibam que ir à natureza e fazer uma oferenda é mais que um simples ato mágico. É preciso que todos tenham em mente que é um ato mágico-religioso e é um ato de fé umbandista que, quando se entra de forma correta a pessoa está dentro do santuário natural da sua divindade regente e dentro do campo das forças e dos poderes da natureza, cujas possibilidades de auxílio são vastas e limitadas, bastando-nos saber nos comportarmos e nos beneficiarmos de tudo o que Deus colocou à nossa disposição por meio da natureza. (SARACENI, 2011, p.60)

Os rituais Umbandísticos dependem exclusivamente da natureza e de seus elementos. Não se produz garrafadas, banhos ou defumadores sem as folhas, ervas ou raízes, tão pouco sem água.

A perda desses espaços tem levado, ainda, a um sincretismo associado a outras religiões também de fundamentos espírita.

Quando nois veio morar aqui; nossa parecia que eu tava numa floresta, de noite se contava tudo que era estrela e ainda se escutava o barulho do riacho lá de baixo. Fazia tanto frio que nois não se guentava, durmia tudo de roupa de manga. Lembro da mãe falando, menina vai te preparar pra dormi, bota calça de pijama e antes das seis da tarde, que era hora da mãe rezar nois já tava tudo vistido.

De manhãzinha, quando pai ia tirar leite da malhada, nois tinha até uma vaca, o nome dela era malhada, tu lembra dona Mocinha, nois saia com os queixo batendo de tanto frio, só esquentava lá pras nove da manhã, moço era frio de mais e hoje é só calor.

Lembro da mãe também sumindo no meio do mato pra procurar planta pra fazer chá, banho e garrafada. Eu muito pequena já ajudava na cozinha, meu irmão acendia o fogão que era de lenha e de carvão e eu fazia as coisa do de cumer. Era bom ó!

Vês ou outra a mãe chamava pra eu ir com ela, aí minha prima, que morava com nois ficava na cozinha sozinha. Ela me mostrava as plantas, lembro muito claramente de um pé de aroeira que tinha lá pro lado do riacho, amãe falava que ele nunca podia ser cortado, eu falava: hum quem vai cortar esse bichão mãe, tem nem pra que. E isso não faz muito tempo, eu agora que tenho 24 anos, tinha uns nove na época. E o bichão foi logo cortado, quando construíram o conjunto de casa logo por detrás do motel.

Na verdade, não sei bem onde vamos parar não, pra pegar planta o Celso já vai lá em Amarante e nem tá mais encontrando, nosso riacho virou esgoto e o espaço que nois tem pra plantar só dá pra plantar coisa pequena, não dá pra plantar um pé de aroeira. Sei não ó. Sabia que a senhora tá nos fazendo pensar muito com seu trabalho? Hoje mesmo tava falando isso com meu marido, sei não o que vai ser e ele ainda fica mais triste que eu porque é ele que faz os remédio. (lansã entrevista dia 08 de Junho de 2012, grifos nossos)

Para Umbanda, perder território é o mesmo que se separar do que é natural, seria não ter uma consciência ambiental. Não adianta achar que tudo pode ser substituído, pois não pode. Existem coisas que não podem ser substituídas e o mais preocupante é quando perdemos parte de nossa essência. Falar em territorialidade é o mesmo que falar na raiz da religião.

É fato que algumas coisas podem ser adaptadas, mais nunca substituídas.

O poder regula a natureza, seja a de um ser ou do meio em que ele vive, proporcionando-lhes estabilidade e equilíbrio interior.

A força altera essas naturezas, proporcionando-lhes alterações e reequilíbrios ou adaptações exteriores.

Em um meio cuja natureza é fria, tal como as regiões próximas dos polos, vivem seres (animais, peixes, plantas, etc.) específicos dele. Já nós, os seres humanos, se quisermos viver nessas regiões, temos de construir moradias especiais; temos de cobrir nosso corpo com roupas especiais e temos de trazer de longe alguns artigos indispensáveis à nossa sobrevivência.

A natureza terrestre é regulada pelo poder. Nós recorremos à força para alterarmos o meio natural de alguma forma, adaptando-o externamente às nossas necessidades porque, "internamente", as regiões polares sempre serão frias e não conseguiremos mudar esse "estado".

Recorrendo a esse exemplo, podemos diferenciar o poder e a força porque enquanto o poder ele faz os polos serem como são e esta, enquanto força,

só pode alterá-los se criar adaptações para que os seres não pertencentes à natureza neles sobrevivam (SARACENI, 2011, P.81).

Não se transforma tão pouco se pode adaptar-se a uma condição que não existe. O que deixa de existir só passa a permanecer na memória de quem viveu. E quem não vivenciou a época só pode imaginar o que houve através dos contos de quem viveu.

É muito complicado ser Juremeiro da Umbanda nos tempos de hoje, Leio muito sobre os Juremeiros de antigamente, vejo o que eles faziam, o que curavam, leio sobre os pajés dos índios, não pela pajelança mais pelas beberagens que eles faziam também, fico apaixonado quando leio e cada vez que leio mais, descubro que é disso que eu gosto.

Sabe, doutora tem dia que saio de casa, daqui do terreiro, e vou em busca das plantas do caderninho da Dona Cota, é triste, às vezes volto pra casa sem nem pista das plantas. Tem gente, os mais velhos, que falam pra mim substituir tal planta por tal planta. Mais como se eu não conheço? Fico muito preocupado sabe?

Essa semana que passou, eufui lá no Professor Frasso, o professor que a senhora me falou, ele é muito bom mesmo, mais até ele me falou que tem hora que quer ir morar lá no meio da Amazônia, que só lá ele acha que pode achar o que não tem mais aqui. Fico pensando, onde vai parar a verdadeira Umbanda? Todo Umbandista que se preza sabe que não se fala nome estrangeiro, nem musica que não se sabe o significado, sabe que sem a natureza nós não existimos, sabe que não fazemos despachos, não matamos animais, não oferecemos sacrifícios nenhum. Nós rezamos muito e fazemos nossas oferendas aos santos através dos elementos da natureza. E do jeito que as coisas andam, me diga onde nós vamos parar? Não vamos mais existir.

Adoro fazer minhas garrafadas, meus banhos, meus chás, mais pelo jeito que a coisa vai, esse tal de progresso, o único chá que vou tomar ou fazer vai ser o do supermercado, que aliás não serve pra nada só pra mijar.

Sei não, só sei que to muito triste com tudo que tá acontecendo com minha religião.(Ossaim entrevista do dia 10 de Julho de 2012, grifos nossos).

Vivenciar práticas de uma determinada cultura por um longo período, trás ao participante um vasto conhecimento do que viveu, um conhecimento ingênuo porém forte. A prática de uma religião, de uma cultura pode se tornar o ponto de partida de uma recuperação de quem não viveu o momento.

A percepção ingênua da realidade, da qual resultava uma postura fatalista – condicionada pela própria realidade – cede seu lugar a uma percepção capaz de se ver.

E se o homem é capaz de perceber-se, enquanto percebe uma realidade que lhe parecia “em si” inexorável, é capaz de objetivá-la, descobrindo sua presença criadora e potencialmente transformadora desta mesma realidade. O fatalismo diante da realidade, característico da percepção crítica que move os homens para a transformação. (FREIRE, 2008, p, 51).

Às vezes vivenciar o que já pareceu tão forte, tão intenso, pode se tornar desesperador a quem viveu. Não acreditar mais no que ainda pode ser mudado pode ser uma consequência do tempo quando tudo parecia tão correto.

*Como já disse pra senhora, moça bunita, no tempo que eu e a Cota trabalhava no terrero só nois e o povo veio que já se foi, já fez a passage, já morreu, era muito diferente. **Naquele tempo era bão. Oi nois macerava foia, nois eprimia as raiz, nois fazia os chá, era bão dimais.***

Quarquer coisa nois ia no riacho pegava água pura, misturava nas planta, amassava tudo. Fazia comida de preto veio. A Cota benzia os minino com gaio de arruda, hoje até pra achá arruda tá ruim, Quando arguem vinha com firida aberta, ela pegava o entrecasco do pé de cajuero fazia um chá bem quente e butava o pé do povo de môio, ficava bão era rapidinho, mesmo quem tinha açuca no sangue, curava logo.

Sei não moça, acho que num tem mais jeito pra nois não. É ruim, às vez me sento pra contá das festa e o povo acha que eu to é doida. Mais era assim, e quando nois quiria defumá argum lugá, a cota tinha que dexá as folha secá no tempo pra só depois queimá. Aí o povo vem cum defumado de palitinho e quer que eu diga que faz a merma coisa. Faise não moça. (Obá, entrevista dia 10 de agosto de 2012, grifos nossos).

6 EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Como falar em educação ambiental diante de um contexto tão amplo abordado nesse estudo. Bom, para início pensa-se que deveria destrinchar o tema do tópico em questão:

Educação seria o processo formador, a partir do momento que o homem é visto como um ser que está no mundo ele já vive educação por ser ela nada estática. Não se pode ver a educação como algo parado a qual só ocorre em ambiente específico.

A educação é um agente transformador, principal alavanca de um ciclo vital para o homem. Através dela o ser humano se transforma e transforma toda uma sociedade. Sendo ela, a educação, um agente mediador entre o gesto cultural propriamente dito e sua continuidade como nos afirma Romanelli (2001, p, 23)

Distinguem-se no processo educativo dois aspectos independentes: o gesto criador que consulta o fato de o homem “estar-no-mundo” e com ele relacionar-se transformando-o e transformando-se – neste caso o gesto educativo não se distingue do gesto criador da cultura – e o gesto comunicador que o homem executa, transmitindo a outrem os resultados de sua experiência. Neste sentido, a educação é a mediadora entre o gesto cultural propriamente dito e a sua continuidade.

Assim, na medida em que se transforma, pelo desafio que aceita e que lhe vem do meio para o qual volta sua ação, o homem se educa. E, na medida em que comunica os resultados de sua experiência, ele ajuda os outros homens a se educarem, tornando-se solidário com eles.

Logo, educação, cultura, saúde e religião vivem em um constante desenvolvimento onde a o ato de educar é o elo que uni e movimenta todo o ciclo.

Meio ambiente, bem, dependendo do ponto de observação dado a ele são vários os entendimentos a serem referenciados.

A palavra Meio Ambiente pode ser relacionada com varias outras palavras formando diversos conceitos; poderia ser relacionada com a questão de saneamento, com o ecossistema, ecologia e principalmente com o próprio homem.

Porem, o mais acessível é liga-lo com o próprio meio, por ser ele ligado a um conjunto de fatores, o ambiente detém de forma permanente os seres vivos e não vivos e entre eles o próprio homem que dele depende e o faz dependente da sua sobrevivência.

É fato que o homem depende do meio ambiente para sobreviver e só ele pode fazer com que o meio seja propício para sua existência. Tem-se aí mais uma vez outro ciclo vital onde o homem é peça fundamental mesmo sem incorporar suas responsabilidades e em muitos aspectos, apenas retirando sem dá o retorno necessário para mantê-lo.

- Meio Ambiente é aquele conjunto amplo de fatores e processos de realidades complexas em que os indivíduos e as comunidades estão imersos. O ambiente rodeia de forma permanente e cambiante os seres vivos e não-vivos que o compõem, notadamente o Homem.
- Hábitat é o lugar em que uma espécie pode cumprir todas as suas funções biológicas. Seria o complexo ambiental ocupado por uma espécie particular. O hábitat por excelência da espécie humana, no mundo moderno, é a cidade.
- Ecossistema é um complexo físico-biológico controlado, também dinâmico e cambiante. Sempre que se altera sua composição quali-quantitativa forma-se outro ecossistema. Por isso, a expressão “romper o equilíbrio ecológico” é bastante relativa: quando se rompe um ecossistema, outro tem início. Nunca procure um equilíbrio ecológico estático: ele é dinâmico, porque a vida mesmo é dinâmica (COIMBRA, 2002, p, 18)

Levando-se em conta que tanto a educação quanto o meio ambiente fazem parte de um mesmo ciclo e este é vital tanto para o ser humano quanto para todos os outros seres vivos e não vivo que deles dependem a sobrevivência humana, logo intrinsecamente relacionado com a cultura, saúde e religião, não se pode de forma alguma, estudar tais assuntos sem falar no outro.

São elos necessariamente interligados para sobrevivência humana.

Muito se culpa a modernidade pela destruição do meio ambiente, realmente, com ela veio um processo de aceleração deste fato. Porém, não se pode esquecer que por muito tempo o meio já vem sendo ocupado e modificado ao longo da existência humana. Pensando assim, são milhares de anos em modificação do meio, muito se perdeu, bastante se transformou. E por mais que o olhar do homem só se foque nos tempos atuais, nota-se que se com o passar das décadas este agente observador tivesse pontuando suas falhas e aparando as arestas que as mesmas causaram certamente o tão falado “progresso” teria vindo de forma ordenada sem tantas perdas.

Via de regra, a ocupação territorial realizada pelos grupos humanos materializou-se, e isso desde os tempos mais remotos, mediante alterações dos equilíbrios dinâmicos originalmente existentes. Embora passemos argumentar que essas alterações ambientais tenham se processado (comparativamente com a

modernidade) por períodos de tempos mais amplos (e isso na dependência do caso estudado), não é possível por outro lado, sustentar a ideia imagem romântica de grupos humanos convivendo “em equilíbrio” com a natureza, tampouco legitimados por uma hipotética “sabedoria ecológica ancestral” (WALDMAN, 2006, p, 104 e 105)

É moça, muita coisa já se acabou, e eu como Juremeiro fico triste, de mãos atadas. De que me vale ser um professor secundarista com duas formações e duas pós-graduações? Acho, nessas horas que não me vale é de nada.

Essa pra mim tá sendo a mais difícil de nossas conversas, às vezes tenho vontade de chorar. Logo agora que me descobri juremeiro, raizeiro, ou como o povo da comunidade diz, doutor da Umbanda é que venho ver que não tem mais quase nada pra fazer.

Olha, sabe a garrafada que fiz pra Senhora tomar? É; ela já mudô muito da do caderninho da Dona Cota e olha que é como lhe disse, o caderninho só tem o nome das planta como fazer, é a intuição que dá. Foi assim que ela me ensinou e é assim que tô fazendo. E até agora tá dando certo (risos), não tá?

Mais não adianta a intuição, as rezas se eu num tenho as plantas. Olha, em 2011 eu ia com Dona Cota procurar planta e raiz em uma região aqui perto, fica mais ou menos a uns 130 quilômetros daqui, entre Estreito e Carolina. Nois ia e trazia muita coisa, era côfos e côfos de folha, de raiz e mudas, teve uma vês que nois contamos tenha mais ou menos uns oitenta tipo diferente entre folhas e raiz, em julho de 2012, nas minhas férias fui lá de novo e só trouxe dois côfo. Quando a Senhora deixou eu fazer aquela outra garrafada, aquela que levava urtiga, eu voltei lá só pra trazer a “timão”, já foi pior a coisa ó.

Pensando, Doutora, já perdi pra mais de quarenta tipo de planta. Nois anda por lá e só ver eucalipto da papel e celulose, é só o que nois ver. (silêncio). Dá de chorar o que esse tal de progresso fez com nois. Dá de chorar. (Ossaim entrevista do dia 20 de outubro de 2012, grifos nossos).

Quando se faz parte de um grupo e assume-se a liderança do mesmo, as preocupações vão além os olhares perpassam a de um ou outro membro. No caso da Umbanda, onde os terreiros se encontram em lugares mais afastados, seus dirigentes acabam por tornar-se conselheiros para todas as horas e a preocupar-se cada vez mais com toda a comunidade, não só frequentadora do terreiro mais de toda a região em que ele se insere.

Algumas vezes ele mistura o divino com o concreto, o palpável, tendo que abrir um leque de conhecimentos para que possa assim pontuare analisar com mais cautela o que vivencia.

A experiência religiosa proporcionada pela tradição popular é a de que o sagrado interrompe no mundo de muitas formas e por muitas mediações, assumindo expressões múltiplas e diversificadas para além das fronteiras das religiões institucionalizadas. Cabe ao praticante beber de todas as fontes, de modo que o sincretismo é a própria condição de acesso à

plenitude e multiplicidade do sagrado. Em suma, a compreensão dessa lógica talvez nos ajude a perceber que o espaço privilegiado da experiência religiosa para os nossos romeiros de Navegantes, e de tantos outros lugares em que tal situação se repete, não são os sistemas religiosos em si, mais as fronteiras entre eles. Pois é justamente nas fronteiras que a multiplicidade do sagrado se manifesta e se torna acessível. (VALLA, 2001, p 32)

O fato de assumir uma determinada liderança, seja ela religiosa ou não, já leva o líder a uma condição de preocupação com toda a comunidade que lidera.

Assim o torna responsável a buscar cada vez mais sua aproximação com os participantes, mesmo com divergências de ideias ou crédulos.

Sabe! acho que o que mais preocupava eu em assumir o terreiro não era o povo do terreiro só, era todo mundo em volta.

Passei minha vida toda vendo a mãe resolver os problema de todo mundo desse bairro aqui. Olha era a Vila Redenção toda, a I e a II, Vila Lobão. Meu Pai, quando eu lembro dá até arripiu.

*Sabe, me entenda, não to reclamando de ter me tornado Mãe de Santo, é que me acho tão nova pra tanta responsabilidade. **Você já viu o esgoto aí da rua? E quando chove? Eu sei que você já viu. Nois fica ilhado, e a barriga de verme dos menino da rua?. Esses dia eu fui levá minha fia pra pesá lá no posto da Vila Redenção, e aí? Fechado, não funciona mais, foi desativado, tava lá na placa de papel. E olha que nois ia de teimoso porque como você sabe nois é considerado área descoberta, tem que procurá a enfermera de demanda lá da grande cafeteira. E a saúde como fica? Eu ainda tenho meu marido que é professor e que quando aperta tem como nois pegá um taxi e ir lá pra UPA ou pro SOCORRIN, e os que num tem.***

Olha, esse mês nois deu tanto remédio pra verme que o Celso fez pros minino da comunidade. Vacina? Só aquela que você trouxe com sua amiga lá do posto dela, tá todo mundo com as vacina atrasada.

A rua é cheia de cachorro solto tudo duente, e o esgoto é essa nojera, e olha que o lixo até que tá passando, mais é ruim dimais.

E me diga você, como que eu posso ver tudo isso e ficar calada se quando o povo fica duente é aqui que vem tudo. É remédio pra dô de cabeça, pra vômito, pra caganera, pra barriga inchada. Tem dia que o Celso fica doidinho isquicí, o Celso é o Juremeiro, meu marido.

O pio é que todas essas doença vem do lixo e do discaso. Não sei quem é pio, se o prefeito ô se o povo que também não ajuda. (Iansã entrevista dia 08 de outubro de 2012, grifos nossos)

O comprometimento com o meio ambiente, tem que ser coletivo, é ter a condição de saber que a pessoa faz parte dela, é agente transformador, é cuidado de primeira necessidade.

Saber que fazer mal a outro, nesses casos, é fazer mal a si próprio. Não tem saída a não ser se ver parte de um todo e para isso a pessoa não necessita de formação superior e sim de uma conscientização que pode ser passada por gerações, o cuidar do que é seu, meu e nosso.

A reflexão sobre a prática do cuidado conduz à relação com o outro, com ênfase nos comportamentos individuais e coletivos na busca de uma assistência à saúde. Nesse sentido, o conhecimento produzido pela antropologia é fundamental para ampliar a compreensão das práticas de saúde, uma vez que se trata de uma forma de pensar que se impõe quando se está diante de formas de viver, de costumes e de hábitos distantes daqueles com os quais se está familiarizado.

A antropologia é a ciência especializada na compreensão do outro, da diferença, de modo que seu objeto de estudo é a própria alteridade. Assim, o fazer antropológico é um exercício constante de estranhamento e relativização de crenças, valores, enfim, de visão de mundo, em um esforço de compreensão das formas de vida que são estranhas à qual se está inserido (CAMPOS, 2009, p, 63)

Sendo assim, é fato afirmar, que o cuidado com o outro, parte do cuidado consigo mesmo e para tanto não interfere a formação da pessoa e sim o contexto social e familiar o qual está inserido.

Oia moça, aqui nois tem o maió cuidado cum as coisa, mais num é farci não.

*O povo que tem que vim ver nois aqui, pra vê se tem dengue, se tem água parada; vem não. **Nois é que diz pro povo, num gasta água que vai caba, num coloca lixo assim não que vai dá verme, num dexa o minino bejá na boca do cachorro não. É tudo buxudim, os minino, tudo buxudim.***

*Oia moça bunita, nois é pobre, num tem istudo, num sei lê não, já disse isso pra sinhora né? **Mais minha casa é limpinha, dá gosto de vê.** Quarque dia nois vai lá, a sinhora nunca foi lá né? Nem no meu aniversário, a Sinhora só fala cumigo aqui.*

*Sim, poise é. **Num sei o que vai ser desse povo não, minha mãe me insinô que não se bota lixo no chão, não se come de mão suja e tudo isso eu insinei pros meu minino, pros meu neto e aí eu pergunto? Pruque que num insinaram pros outro tumbém? Isso é complicado, num sabe?***

*O bairro já é pobre, so tem uma rua cum asfalto, e o povo ainda ajuda a sujá. **As pranta já nun tem mais, as água veve fartando, as coisa tão ruim né? Num sei não. Tá cumpricado.***

Sei que faço o que minha mãe me disse a muito tempo, a Cota, tumbém era assim, sempre cuidô desses minino dela bem direitinho, e quando o povo vinha aqui, ela sempre insinava, mais até merda nois encontra na rua.

Sei Não! (Obá, entrevista dia 10 de outubro de 2012, grifos nossos).

6.1 Educar para sobreviver

Bom! Por uma análise do texto até aqui apresentado, pode-se arriscar em fazer uma síntese do exposto.

A Umbanda é uma religião de matriz africana a qual possui seus rituais de natureza mágica, por acreditar serem realizadoras, iniciáticas porque são iniciadoras e religiosas por serem atos de fé.

Logo, acredita-se que os rituais umbandistas apresentam essas três características mesmo quando eles não são visíveis.

Percebe-se também, tanto nas falas dos sujeitos quanto nas referências, que a Umbanda é uma religião voltada para natureza, de onde ela extrai todos os seus princípios básicos tanto para seus rituais religiosos quanto para os de cura.

Porém, por ser ela uma religião nova, surgida do sincretismo do Candomblé com o Cristianismo Católico e mais tarde com o Espiritismo Kardecista, muito desperta aos olhos dos outros curiosidade e temor. É fato, ouvir-se falar por alguém, desenformado, que a Umbanda é uma religião diabólica que mexe com espíritos maus. Outro comentário muito utilizado na defesa de todas as religiões e contra a Umbanda é que todos os praticantes são pessoas pobres, de baixa renda e que se fosse coisa de Deus certamente seria praticada por pessoas de boa condição social e financeira. Não esquecendo de lembrar que os terreiros são frequentados por pessoas de todas as classes sociais e como já foi citado anteriormente, a Umbanda é uma religião de muitos adeptos e poucos praticantes, justamente por sentirem a necessidade, algumas pessoas, de esconder-se com vergonha do que nem eles próprios conhecem.

Tudo que nos parece novo é temeroso e cabe a seus dirigentes, bem como seus praticantes a utilizar de um bom senso para esclarecer tantas dúvidas para que as mesmas não se tornem certezas erradas de mentes pobres.

A Umbanda, uma religião nova se comparada com as outras que são milenares, vem encontrando uma resistência tenaz por parte destas porque, criada no século XX, nos remeteu de volta à natureza e tem nos ensinado que um dos meios de alcançarmos o equilíbrio entre a matéria e o espírito encontra-se justamente nela. [...] Devemos nos guiar pelo bom senso e pela razão para não cairmos no ridículo, pois a Umbanda é religião e não deve ser maculada por pessoas desequilibradas ou com o emocional exacerbado por coisas sobrenaturais.

A lógica e o bom senso tem que prevalecer em nossas ações e nos guiar em assuntos tão importantes para nosso bem-estar espiritual e nossa segurança no relacionamento com o mundo espiritual (SARACENI, 2011 p, 10 e 11)

Certamente, o primeiro passo, para adquirir respeitabilidade para novos princípios, novas ações, é a educação. Só por ela consegue-se esclarecer e fazer

valer as ideias que para tantos podem parecer esdrúxulas já que estão sendo estruturadas por uma pequena minoria.

O homem pertence a um determinado meio inserido num mundo de divergentes ideias e só quando ele se ver fazendo parte desse mundo e respeitando-o é que ele consegue entender onde vive. Esse é um dos primordiais princípios da educação para vida.

Assim, como não há homem sem mundo, nem mundo sem homem, não pode haver reflexão e ação fora da relação homem-realidade. Esta relação homem-realidade, homem-mundo, ao contrário do contato animal com o mundo, como já afirmamos, cujoproduto, por sua vez, condiciona ambas, ação e reflexão. É, portanto, através de sua experiência nestas relações que o homem desenvolve sua ação-reflexão, como também pode tê-las atrofiadas. Conforme se estabeleçam estas relações, o homem pode ou não ter condições objetivas para o pleno exercício da maneira humana de existir.

Contudo, o fundamental é que esta realidade, proibitiva ou não do pensar e do atuar autênticos, é criação dos homens. Daí ela não pode, por ser histórica tal como os homens que a criam, transformar-se por si só. Os homens que a criam são os mesmos que podem prosseguir transformando-a (FREIRE, 2008, p, 17 e 18).

O mais interessante quando o homem se ver fazendo parte do mundo em que ele está inserido é a ação que prontamente é gerada pela situação de se notar.

Automaticamente, como se tocado por uma força mecânica e ao mesmo tempo espiritual, este homem busca mudanças e formas que possam levá-las de maneira mais rápida, como se gerasse nele a sensação de perda do tempo passado.

*Como já falei pra você anteriormente, eu era Kardecista, e nem sei ao certo se ainda sou. **Do kardecismo trouxe para Umbanda a necessidade de estudo. Me lembro bem quando me senti perdido, estudei anos no Kardecismo que no Candomblé assim como na Umbanda, cometia-se um dos maiores pecados espirituais o de escravizar espíritos, de alimenta-los e não de doutrina-los.** Quando me apaixonei pela Juliete, lembro como se fosse hoje, convidei ela pra ir ao centro espírita comigo, ela foi e na outra semana me convidou pra ir a casa dela. Eu morava em Açailândia, apaixonado, me arrumei todo e fui logo depois de dar aula. **Nossa, que surpresa a minha, ela nem me preparou, pensava que ia tomar um café na casa da namorada e me vi tomando café num terreiro.** A mãe dela riu com a minha cara de susto, a sogra até parece que já sabia do que ia acontecer.*

*Dias depois teve um tambô de comemoração a alguma coisa que não me lembro, **aí foi que eu fiquei doido ó, me assustei mesmo, acho que até a paixão diminuiu pra metade. (risos).***

***Passei uns dias sem ir por lá, e comecei a pesquisar na internet, coisa de professor. Pesquisei um pouco sobre a religião dela e vi muita coisa parecida com a minha.** Só via muita diferença quando lia alguma coisa da*

Quimbanda e do Candomblé, mais a Umbanda se parece muito com o Kardecismo. Depois disso comecei a frequentar a casa dela, a ir nas festas e no nosso noivado a mãe dela bateu um tambô. Essa foi engraçada, minha família num tambô. Depois eu conto. (rizadas).

*Casamos, e mais tambô, o padre foi lá no terreiro. **Aí um dia Dona Cota me chamou e disse que tava na hora de eu cumprir com minhas obrigações no terreiro, até porque todos moramos aqui como você já percebeu, cada casa é de um filho e o Salão fica no meio.***

Este meu afastamento foi muito bom, eu pude perceber que gostei e gosto do que faço, digo, do que é a Umbanda, quero cada vez mais melhorar minha religião. Além dos estudos nos dia de sexta à tarde, agora tenho o sábado à tarde pra ensinar a comunidade a usar as folhas, a fazer os chás, as beberagem pra isso tenho ido muito falar com um professor da UEMA, aquele seu amigo, o professor Frazão. Ele tem me ajudado muito no que eu quero.

A comunidade tá mais atenta ao lixo na rua, como tem rua que não passa, nois ensinamos a eles a cavarem um buraco no quintal e tocar fogo no lixo todos os dias.

Essa semana veio aqui uma bióloga, ela ensinou eles a não fazer tanto lixo. Olha, fico tão feliz, tão feliz, por ver que todos esses ensinamentos estão saindo do meu terreiro, da minha Umbanda.

*Mais até porque o que nois estamos ensinando são os próprios fundamentos da Umbanda: cuidar da natureza já que é dela que nois saímos e pra ela que nois vivemos. Descobri que sou um homem apaixonado por quatro mulheres: A Umbanda, a natureza, a Juliete e a Julia, minha filha. **(Ossaim entrevista do dia 20 de outubro de 2012, grifos nossos).***

O homem é um ser que vive em um constante ciclo de ensino aprendizado, independentemente onde esteja, de nível social, religioso, econômico ou intelectual. A educação é um efeito antropológico.

Desde a existência do mundo e do homem, seja ela definida pela crença ou pelo evolucionismo de Darwin, já existia o aprendizado, logo a educação, levando-se em conta os mais diferentes tipos a qual se referem os teóricos.

Por mais que pareça complicado, as questões educativas e suas dificuldades são muito mais de cunho ideológico do que pedagógico. A sociedade é que define até hoje, como se assim pudesse, quem tem direito a educação formal ou não, esquecendo-se que a educação popular, de terminados grupos culturais ou religiosos, em muitos momentos ensina e pratica mais o que seria correto que a dos bancos escolares.

As barreiras existem, mas elas não são pedagógicas e sim ideológicas. Isso é uma das expressões da ideologia dominante, na qual as classes populares são inferiores de nascimento, incompetentes de nascença. Isso é um absurdo, é ideologia mesmo. Não tem nada de científico, é profundamente ideológico. [...] A ideologia é tão forte que no custo-informação você tenta esclarecer que não há essa inferioridade intrínseca natural do analfabeto [...] Você tem que ajudar o alfabetizador a romper com essa força inibidora ideológica e convencê-lo de que, cientificamente, não

há diferença entre ele e o alfabetizando. A diferença é apenas de experiência intelectual (FREIRE, 2004, p, 129 e 130)

É baseado nesse pensamento que nada deve ser descartado dentro de um processo de ensino aprendizagem. A questão do aprender o que é passado de gerações por gerações mesmo que de forma oral, jamais deverá ser julgado ou condenado por nenhuma teoria mágica.

*Às vez o povo acha que eu sô burra né? Só pruque num sei lê nem inscrevê, mais num sô não. Quando aqueles agente de saúde vem aqui e fala um monte de bobage eu fico só vendo eles, tudo papele, num tem nada certo. E fala bestera ó! Fala muita bestera! **Num gosto muito do estudo não, gosto mais das reza, rezar é bão. Aí eu gosto quando arguem chega pra eu e fala, reza pur mim Dona Maria que a coisa tá braba, aí eu rezo e tudo fica bão.***

*Aprendí muito cum minha mãe, nois era muito pobre mais num fartava comida da roça nem leite da vaca que nois tinha e sempre tinha gente cumendo na minha casa. **A mãe falava que devoto de São Benedito não pode negá comida pra ninguém não. E nois num negava, como eu num nego inté hoje, se arguem foi lá na minha casa cum fome, eu dei cumida, dei o que tinha, mais dei.***

Dô na barriga ô no estambu, é leite cru, é casca de laranja seca, tudo isso tem na minha casa e eu dô e insino pro povo.

*Outro dia aprendi com uma dotora que teve aqui que lixo num pode sê guardado, tem que sê queimado e **tem lixo que num é lixo, é bão pras pranta. Hum minino, foi só chegá em casa que chamei logo minha visinha que eu gosto e insine pra ela. Já insinei tanta coisa que aprendi no terreiro tanto nos tempo da Cota quanto agora com Celso e Juliete, insino mermo, e o povo inda acha que lá no terrero é do mal.***

*Oia, a Juliete disse que méis que vem eu vô insiná as muié daqui da comunidade fazê tapete. Tô tão cheia disso. (risos) vô sê professora. **(Obá, entrevista dia 10 de outubro de 2012, grifos nossos).***

6.1.1 Ao apagar das luzes: alternativa para o fortalecimento da cultura

Nunca é demais falar em Sincretismo, por mais que já tenha sido abordado e referenciado tantas vezes neste estudo. Sérgio Ferretti esclarece que sincretismo não acontece necessariamente com a fusão religiosa, mais em vários aspectos sejam eles sociais, culturais ou até mesmo do tempo.

Quando se muda os dirigentes de uma religião ou permiti ideias novas ou aderi-se a práticas até então nunca utilizadas; já está ocorrendo o sincretismo.

Concordando com essa ideia, podem-se pontuar diversos aspectos positivos dessas fusões e ou mudanças.

Em muitos casos, necessita-se de modificações rigorosas para manter vivos os ideais ou os crédulos. Mudar, não significaria perder e sim somar, crescer. Porém para isso, precisam-se ampliar os horizontes e ultrapassar barreiras sociais e ideológicas, pois só assim pode-se crescer verdadeiramente, respeitando todos os aspectos necessários para tal finalidade que é não deixar morrer e sim resignificar uma cultura o que nos explica FERRETTI, (2012, p, 286 e 287)

O Sincretismo parece evidente, no Brasil, pela própria história do país. Os colonizadores portugueses sempre contaram, em seu território, com a presença de povos de procedências diversas, desde os romanos, na Antiguidade e através de toda a Idade Média, com os chamados povos bárbaros e, depois, com a contribuição das mais diversas culturas, procedentes do continente africano, que somaram às numerosas nações indígenas encontradas em nosso vasto território.[...] Por isso mesmo o sincretismo tem sido bastante difundido entre nós. Entretanto, parece curioso que, aqui, haja tanta rejeição a este conceito. O sincretismo como sabemos possui múltiplos aspectos. Josué Tomasini Castro diz que: “ao pensar em sincretismo, pode-se pensar em: negociação, integração, confronto, transmissão, mistura, adaptação, assimilação, sondagem, transposição, identificação, simbiose, fusão, amalgama, alienação, dinamismo, confluência, interação, etc.(CASTRO, 2006, p,29).

É válido lembrar as dificuldades encontradas em mudanças, principalmente quando se fala em grupos sociais, religiosos ou culturais.

Não é fácil pegar alguma coisa que já parece pronta e pior, parece perfeita. Só sabe a perfeição ou a imperfeição quem tá dentro, bem dentro. Os de fora que só vem aqui quando precisa, não vê nada não, só vê que o certo era como tava e não era.

O terreiro já tava se tornando um lugar de adivinhação, o povo só vinha aqui resolver problema, saber se tava sendo traído pelo marido ou pela mulher, tinha gente que vinha aqui até pra saber quem tinha roubado uma pulseira de ouro, essas coisa. Mais saber da religião ninguém quiria não. Tambô, só vinha se fosse de festa, o de estudo, nunquinha. Falar com entidade, só se fosse a Cigana ou Seu Zé Pelintra. Preto velho como Seu João da Cachoeira que trabaia pra cura, nem pensar, até porque ele bota o povo pra rezar.

Agora não, tenho que fazer valer minha religião, tem que ser assim. No início o povo num quis não, mais agora até que tá se chegando aos pouco.

Com as aula sobre saúde, natureza, cuidado com a natureza, com as plantas, construir a horta, agora o povo tá se chegando. Sábado mesmo, até me assustei quando vi mais de quinze pessoa aqui pra aprendê a fazê os chá e os banho.

Nessa aula o Celso aproveita pra contá como essa planta é importante pra nossa religião. Tô feliz, sei que o povo volta, é só tê calma que ele volta. (lansã entrevista dia 08 de outubro de 2012, grifos nosso

Toda mudança requer paciência e calma, parece redundante, mais não é. A dosagem para o equilíbrio que algumas modificações são superiores a de

construção, pode-se equiparar a uma ideia xucra utilizada na construção civil, é bem mais fácil levantar um prédio do zero que reformar uma casa pequena.

Ao buscarmos mudar para melhorar, muitas vezes tentamos desmistificar atos errôneos que eram implantados anteriormente e vistos como correto. No caso da Umbanda, religião considerada tipicamente brasileira, não se enquadraria doutrinas, cantarias com palavras sem significado algum, por exemplo, porque não cantar em português, saldando os santos ao doutrina-los? Mais como fazer se por muito tempo foi utilizado cantorias sem significação nenhuma pra quem canta? Fé pela fé?

Esse é só um dos exemplos onde a mudança para manter viva a cultura e a religiosidade necessita de determinação e paciência.

Sim, porque ou assumimos de vez a língua portuguesa como a língua umbandista ou vamos continuar como os papagaios, que mesmo sem saber o que falam, no entanto vivem repetindo o que ouvem.

Uma religião tem que ter uma língua natalícia muito bem definida para que, a partir do que nela for criado, possa ser traduzido para outras línguas.

Não se justifica um umbandista misturar palavras de mais de duas línguas em seus cantos litúrgicos ou em suas rezas, ou em seus clamores ou em suas saudações aos Orixás.

Ainda somos reféns de uma miscelânea que foi sendo construída pelo crescimento desordenado da Umbanda, pois ele fugiu ao controle de seus fundadores.

E nada adianta alertarmos os que continuam recorrendo à miscelânea, pois, para eles, é justamente ela que lhes satisfaz o ego e a vaidade (SARACENI, 2011, p, 51)

Como aborda perfeitamente Saraceni, nada melhor que a vaidade para transformar o fundamento sagrado de uma religião ou de uma manifestação cultural.

Sinceramente, às vezes tenho medo de ser mal interpretado. Sei que to fazendo a coisa certa, mais quando vejo as pessoas criticando a Juliete e muitas das vezes achando que sou eu o culpado e que no tempo da Dona Cota tudo era diferente, mais gente, é assim mesmo. Tenho lido tanto sobre a Umbanda, sobre a Natureza, a importância da Natureza que é a base da nossa religião, que somos do Brasil e temos que nos fazer entender como brasileiros.

Quando penso que esse povo tá todo doente, que não tem assistência e que o remédio tá no quintal da casa deles, e que na minha religião os cabocos ensinam a usar o remédio e que dá certo. Tenho que ensinar, afinal de contas eu sou professor.

A educação é primordial e se agente unir a educação com nossa religião agente vai se fazer respeitar.

As pessoas não vão mais olhar de cara feia pra gente não.

No momento eu não vejo outra saída, a não ser essa bem daqui que agente tá fazendo. Agora eles acham estranho, mais depois quem quer volta e volta com mais força e certeza que temos que nos reunir pra nos

proteger. (Ossaim entrevista do dia 20 de outubro de 2012, grifos nossos).

Aceitar uma mudança em de vidas, principalmente em determinado período dela, é encontrar-se com a mente e o coração aberto para recebê-la.

Nem sempre, dependendo do âmbito de vida em que a pessoa encontra-se inserida é de fácil aceitação pois o nível de compreensão pode não propiciar tais modificações mesmo que seja em uma visão coletiva e não individual.

Outro fator que nem sempre favorece a mudança é a questão da faixa etária, se torna muito complicado pros mais velhos aceitarem pois dentro do contexto da Umbanda, preconiza-se ser uma religião onde o conhecimento vem com o tempo e não com estudos, sendo esse mais um modelo de sincretismo ocorrido em relação ao tempo e ao espaço.

A transmissão do saber passa dos mais velhos para os mais novos, quando os primeiros reconhecem nestes últimos capacidade e os consideram socialmente identificados com as normas fundamentais do grupo, podendo, dessa forma, ser portadores e, por sua vez, transmissores do saber. O conhecimento “vem com o tempo”, dizem os mais antigos. Assim, através de um processo lentamente adquirido, o saber do novo iniciado encrusta-se no mais profundo do seu ser (BARROS, 2001, p, 96)

Uma cultura onde seu conhecimento é passado de forma oralizada e de gerações, não se pode esperar facilidade de compreensão dos seus adeptos à mudanças.

Eu sei que o que a menina tá fazendo é certo sabe moça, mais num era assim. O terreiro tinha muita festa e sem hora de acabá, tinha a Cigana butando carta em riba de seu minino, e Ele nem vem mais aqui, diz qui num gosta mais daqui. Oia eu sei que a minina tá quase certa num sabe? Mais é complicado o povo já que tava acostumado cum as coisa daqui. Foi tudo muito rápido de pressa mermo.

Oia, eu sei que aqui ta inté mais bunito, tem muita pranta de remédio, tem mais cantêro, tem mais coisa num sabe? Mais oia, tem qui tê tumbem as coisa, Dona Cigana, Seu Zé Pilintra tomando cachaça. A sinhora tá me entendendo? Porque que num pode de tê tudo no mesmo tempo? Porque que tem que tê hora marcada pra tudo? Num sei não. Pode até tá certo, mais tá diferente.

Eu to gostando mesmo é que eu vô sê professora, vô insiná as muié daqui a fazê tapete, mais eu quero minhas coizinha de vorta ó! (Obá, entrevista dia 10 de outubro de 2012, grifos nossos).

6.1.2 Representação coletiva: uma prática para o fortalecimento da saúde de um povo

Não se pode discutir sobre saúde esquecendo-se de educação, pois são duas peças de um mesmo contexto incapaz de caminharem separadas visto que as ações educativas fomentam o desenvolvimento da saúde e não se concebe que um ser esteja preparado para o ensino aprendido sem que o mesmo não tenha as condições mínimas de saúde.

Da mesma forma que não se deve discutir tais aspectos sem pensar em uma representação coletiva. Educação e Saúde interligados a questões ambientais está proporcionalmente ligado a coletividade.

O homem é um ser social e vive constantemente em coletividade, ninguém vive bem sozinho, nenhum ser sociável vive sem ter contato com grupos sociais, religiosos ou culturais.

O homem é ser social por causa do impulso de sociedade do inconsciente, que o leva a buscar relacionamentos com as demais pessoas da forma e na profundidade que mais lhe convenha, segundo sua idade.

Os relacionamentos humanos vão-se ampliando, a partir da infância, em círculo concêntrico: membros da família, companheiros de rua (vizinho), colegas de escola, companheiros de trabalho e sociedade em geral. O impulso de sociedade leva a pessoa a migrar do egocentrismo típico da criança para o altruísmo das pessoas adultas (BRUGNARA, 1995, p, 42)

Um ser coletivo, como o próprio termo já mostra, é alguém que vive em constante dependência, saudável, para sobrevivência é estar inserido em um ciclo vital para seu desenvolvimento.

Viver em coletividade é, antes de tudo, respeitar as ideias do outro e conviver em uma relação “equilibrada” independente do tipo do relacionamento, seja ele de amizade, companheirismo, sexual ou simplesmente de convivência. É respeitar os vários níveis do relacionamento humano.

Os relacionamentos humanos têm vários níveis e podem ser classificados em:

a) Superficiais: feitos a partir dos sentidos do corpo, limitam-se a simples troca de informações, necessárias em determinados momentos de contato.

b) Humanos: quando tem por base a solidariedade humana e buscam preservar ou cultivar os valores ligados a vida.

c) Afetivos: quando há o “gostar” ou sensação de prazer no relacionamento. É baseado no mútuo acolhimento e aceitação, que requer um mínimo de conhecimento mútuo. Nesse nível está a amizade, que não visa à partilha do amor erótico ou da sexualidade, mas ao simples relacionamento com a pessoa como tal, independente do sexo. Num segundo momento pode ocorrer relação de namoro, mas não é regra geral.

d) Mentais: quando a verdade é colocada em evidência e permite questionamentos sobre o medo de ser, de agir e de reagir. O fator afetivo não aparece, mas o respeito mútuo toma o primeiro lugar.

e) Profundo: quando há total transparência com relação ao sentir, à verdade e ao valor espiritual da vida. (BRUGNARA, 1995, p, 43)

O importante é respeitar a liberdade individual de cada um para que possa lutar por um bem comum, saúde, educação, laicidade, cultura e etc.

Essa consciência coletiva vem atrelada ao respeito humano, de cada diferença individual sem que as mesmas se tornem individualidades.

Sabe!uma das coisas que mais admirava na mãe era o cuidado com as pessoas. A mãe não tinha estudo, era analfabeta mesmo, mais mesmo assim ela cuidava e entendia todo mundo. Ela falava que tinha de entender as pessoa, que todo mundo tem problema, todo mundo é sofredor e nois só consegue a felicidade se todo mundo tive feliz.

Lembrando disso é que nois fez aqui a escola comunitária de reforço. Sabe, assumir o salão não me deu mais direito de estudar. Parei no ensino médio fiz o terceiro ano e depois tava fazendo cursinho pra fazer economia, mais aí a mãe morreu e eu não pude mais estudar, veio também a Julinha e não deu. Agora eu quero fazer Pedagogia ou se não dá faço magistério mermo. Gosto de ver o salão de tarde cheio de criança sentadinha estudando.

Gosto tanto de dá aula pras criança de creche ali de trais. Ali atrais tem a creche que é mantida pelo Centro Espírita José Grosso, eles são kardecista num sabe? Gosto de lá. Aí as criança, também da escola municipal da Vila Redenção I e II vem de tarde prá cá estudar com nois. É bom. Lembro da mãe falando: “ temos que ser companheiro de quem precisa e eu num quero criar filho de santo burro nem egoísta”.Ela tava certa, a Umbanda ensina que nois tem que pensar no outro, e não só em nois.

Graças a Deus que eu tive a mãe e fico feliz por ser Mãe de Santo, por tá no lugar dela. (lansã entrevista dia 09 de outubro de 2012, grifos nosso)

Abordar a questão ‘saúde e religião’ é antes de tudo uma questão antropológica. Há pouco tempo passou-se a utilizar o termo ‘Antropologia Médica’ onde os profissionais da saúde são convidados a refletir sobre a questão do método na análise antropológica da doença. Passa-se a partir daí a dar um novo conceitoa questão de saúde e doença. Inicia-se a partir desse ponto a não mais estudar a doença e sim o processo de adoecimento do ser (ALVES; MINAYO, 1995).

Tais discussões levam os profissionais da saúde, médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, farmacêuticos e nutricionistas a buscarem um contexto maior para explicar as patologias encontradas bem como os tratamentos para ela.

Diante de tal exposição surge outro olhar onde tais profissionais passam a aceitar a importância dos cultos religiosos no tratamento das mais diversas patologias.

A importância dos cultos religiosos na interpretação e tratamento da doença tem sido amplamente conhecida na literatura antropológica. Mais do que isso, os antropólogos tem frisado peculiaridades e aspectos positivos do tratamento religioso quando comparado aos serviços oferecidos pela medicina oficial. Ao invés das explicações reducionistas da medicina, os sistemas religiosos de cura oferecem uma explicação à doença que a insere no contexto sócio cultural mais amplo do sofredor (Comaroff, 1980, 1985). Mais do que atribuir uma causa objetiva a estados confusos e desordenados, a interpretação religiosa organiza tais estados em um todo coerente (Lévi-Strauss, 1967). Enquanto o tratamento médico despersonaliza o doente (Taussig, 1980), o tratamento religioso visa agir sobre o indivíduo como um todo, reinserindo-lhe como sujeito, em um novo contexto de relacionamentos (RABELO, 1995, p, 47)

O tratamento dado ao doente, cliente, no espiritismo, em particular na Umbanda atrela a doença a seres obsessores a espíritos e trabalhos associados a questão física e vai do profissional, no caso do paciente encontrar-se internado, a respeitar ou não o crédulo familiar.

Sou enfermeiro do Hospital Municipal de Imperatriz há quinze anos, ainda não era Pai de Santo, só admirava e me identificava com a Umbanda. Dentro da minha profissão, na época, eu olhava algumas coisas que me deixavam confuso, tinha paciente com Izipa, por exemplo, erisipela, infecção na pele por bactéria por uma determinada porta de entrada. Eu achava engraçado os pacientes escutarem o Doutor e depois me chamavam num canto e perguntavam se podiam trazer o benzedor e que horas ele poderia ir.

No começo eu era meio resistente, hoje entendo muito bem cada desespero dos pacientes. Hoje, faço diferente, não benzo, não deixo que misturem as coisas no hospital, até porque lá eu sou enfermeiro, no terreiro é que sou Pai de Santo. Mais permito que o paciente leve no horário, fora das visitas, a benzedeira. E são sempre Senhoras idosas, com a sacolinha cheia de mato, um terço na mão e com a cara bem boazinha, sempre assim.

O fato é que, anteriormente eu falava assim, coincidência ou não, esses pacientes se curam mais rápido que os outros. Quando falo isso com os Medicos eles morrem de rir e dizem que é a benzetacil, penicilina mesmo , que começa com as letras 'BENZ' de benzer e morrem de sorrir da minha cara. Hoje tenho a certeza que a fé aliada as ervas, folhas, ajudam a curar muito mais rápido

Olha! Tenho visto muita coisa nesses quinze anos de enfermagem e oito de Pai de Santo, e afirmo com certeza que a minha religião cura, ou melhor, os procedimentos da minha religião curam. Vivo ela com muita fé, com muito

amor. Passo os doentes do meu terreiro todos lá pro de Santa Ana, o Celso é muito bom com as folhas e as raízes e nunca tive problema com nada. Tenho mandado pra ele até paciente com neoplasia, câncer, e o que eu mais gosto é da consciência dele. Ele prepara o paciente, conversa muito e explica que não é pra ele largar o tratamento dele não é pra fazer o do terreiro junto com o do médico. E olha que Deus tem operado milagres junto com os Santos viu? Muita gente tem melhorado muito, até alcançado cura. (Omolú entrevista dia 20 de outubro de 2012, grifos nosso)

A Saúde é um direito de todos e para todos, sem discriminação de raça, crédulo, cultura e etc. Diante de tal afirmação levanta-se a questão de não se vê essa aplicabilidade definida.

Não se pode aceitar ninguém falar que o no Brasil falte políticas publicas ou pra saúde ou pra educação, proteção a mulher, a criança, ao homem ou até mesmo para proteção de práticas religiosas.

O Brasil é o país que mais contem políticas publicas definidas, o que nos falta são gerenciamentos que propiciem a aplicabilidade dessas políticas.

Diante desse quadro, os diferentes itinerários terapêuticos traçados pelos indivíduos na busca de um cuidado para a sua saúde são permeados por aspectos econômicos, sociais e culturais a partir dos quais são definidas as condições de acesso à saúde em uma dada sociedade.

Nesse sentido, a afirmação das diferenças socioculturais, características das populações que demandam uma assistência à saúde. Essa é a única forma de garantir a saúde como um direito a que todos devem ter acesso, notadamente no Brasil, onde as diferenças étnicas, de gênero, culturais e sociais são, frequentemente, travestidas pela desigualdade socioeconômica.

Deve-se, assim, lançar um olhar para as praticas de saúde de uma população para compreender tanto seus determinantes socioeconômicos como os aspectos socioculturais, cujos valores e significados orientam as ações das pessoas na tentativa de cuidarem de sua saúde.(CAMPOS, 2009, p, 61 e 62)

Ser discriminado não significa, necessariamente, ter a pigmentação da pele mais escura ou muito clara, ser do sexo feminino ou masculino e não permanecer neles simplesmente porque a sociedade assim define. Ser discriminado, é não ter direito a educação, não ter direito a assistência de saúde publica por não haver um gerenciamento preocupado com vida de seus “eleitores”.

Assim, não se pode criticar, nem tão pouco atacar quando grupos culturais e religiosos assumem o papel que deveria ser cumprido pelos gestores. Não se quer aqui, agir com protecionismo diante do que pode parecer um “exercício ilegal da

profissão” e sim um alerta diante de tantos relatos do descaso em que algumas comunidades vivem.

Como raizeiro, amo minha função, mais ainda me acho muito inexperiente, idade mesmo, com tantas responsabilidades, vejo o povo da comunidade sem posto de saúde, sem esgoto e nois temos tratar do povo que já devia tá tratado.

Olha, o povo vem aqui atrais de remédio pra tirar verme, pra açúcar no sangue, pra inflamação de mulher, pra melhorar na cama, pra dor de cabeça. Tudo isso tem no postinho, se ele tivesse funcionando, não tinha essa necessidade. Não é que eu não goste de fazer, ao contrario, eu adoro. É muito bom ser Juremeiro, isso faz com que as pessoas valorizem mais minha religião, a natureza, as plantas. Mais acho que isso tem que ser obrigação do governo. Nois paga tanto imposto. Não é justo.

Gosto mais quando é pra fazer remédio pra coisa que o postinho não tem. Gosto de ajudar o povo que faz quimioterapia a não ter muito enjojo a ter mais apetite, gosto de curar perna do povo que tem ferida crônica. Pé Diabético que falam né?

É isso! gostaria muito de não ter que ficar suprindo a falta do governo mais não dá né? Essa semana minha mulher levou minha filha no postinho pra pesar e quem disse que tava funcionando? Ninguém pensa no povo que sofre com tudo isso.

Olha só os esgotos tudo aberto, trazendo doença, poluindo o rio. Ai eu pergunto outra vez: como que nois vai prosseguir com a Umbanda se o Meio Ambiente tá se acabando? (Ossaim entrevista do dia 20 de outubro de 2012, grifos nossos).

A Umbanda é uma religião ritualística onde suas praticas de cura são pautadas na utilização de plantas, ervas, raízes que são matérias primas para produção de banhos, garrafadas, xaropes, defumadores e emplastos.

Todos esses artefatos são produzidos mediante a rituais de incorporação e ou de rezas. Sabe-se que no mundo atual, cada vez mais, tem-se dado importância a esses tratamentos não convencionais, como são denominados. Porém, se tal forma de tratar traz como base a natureza, como explicar o descaso do próprio homem, que busca fazer uso dos benefícios trazidos por tal pratica, se ele mesmo não cuida na preservação do ambiente? Se ele vive em coletividade e tem a consciência que o que é bom para o outro também favorece a ele? Seria o mesmo que viver em uma constante dicotomia, sabe o que é necessário pra seu bem estar mais não o pratica por mera comodidade social.

Em resumo, o autor mostra que a pratica da magia implica a crença da magia e que esta se apresenta sob três aspectos complementares: “a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas a crença do doente que ele cura ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro, e finalmente a confiança e as exigências da opinião coletiva”. Trata-se de uma solução encontrada por algumas sociedades para lhe da com o sofrimento humano. É importante ressaltar, nesse exemplo, com a doença, vivida

individualmente, remete a coletividade e a uma pessoa especial, neste caso o feiticeiro. Assim a experiência biológica da doença (da ordem da natureza) está relacionada necessariamente à sociedade na qual ela se expressa (ou seja de ordem da cultura). Contrariamente às sociedades onde a religião é o único sistema de interpretação do mundo, na qual se enquadra o sofrimento causado por doenças, a sociedade contemporânea possui uma multiplicidade de alternativas para lidar com o adoecimento. É possível recorrer à biomedicina em suas mais variadas formas (incluindo todo o aparato tecnológico disponível). Embora esta seja uma maneira hegemônica de lidar com a doença, não se pode excluir outras respostas possíveis em nossa cultura. As práticas alternativas de cura, como terapias florais, homeopatia, medicina oriental, fototerapia, entre outras, também são utilizadas na experiência do sofrimento relacionado à doença. A religião, em suas várias expressões, também é opção de fornecera possibilidade de interpretar e lidar com o sofrimento de uma maneira muito particular em nossa sociedade. (MARTIN, 2009, p, 8).

Como nos mostra o autor acima, utilizar de uma prática ritualística é acreditar no ritual e na religião em que ela faz parte. Tal fato sempre vem acompanhado de um momento de dor ou desespero na maioria das vezes atrelado a um processo de adoecimento onde o paciente encontra-se mais seguro amparado na coletividade que favorece os grupos religiosos.

Quando as pessoas chegam aqui no terreiro, noto que eles estão necessitando mais de um psicólogo que de um raizeiro. A doença existe, mais o desespero é maior. Conversando com o Celso, outro dia, nois chegamos a conclusão que a Umbanda deveria ser mais explicada mesmo. O povo deveria ter mais seriedade com a nossa religião. Não sei qual a outra religião que dá tanta importância pra natureza quanto a nossa. Pena que nem os praticantes ainda não entendem isso.

Nois precisamos muito da natureza pra cuidar do povo, mais o povo não entende isso, até porque ele vem procurar nois num momento de dor de sofrimento e quando passa, muita das vezes, ele some. E nem se lembra que foi daqui que saiu a cura dele.

A prática da gente é planta, muita planta, nois cura pelas plantas e nossa religião vive pelas plantas. Temos muito medo, eu e o Celso, de daqui mais um pouco nois não existir mais. Sei que o povo que frequenta os terreiros quer saber muito das festas, mais não para pra pensar que a festa é só um momento e que todo mundo tem que cuidar do principal que é a natureza pra cuidar do próprio homem.

Hoje nois já tem pessoas formadas na nossa religião, mais antes era só porintuição, o sobre natural mesmo, e quando agente quer fazer alguma mudança, o povo reclama e acha que tamos errados. Mais tenho fé, muita fé que um dia todos vão respeitar a Umbanda, não só pelas festas mais pelo cuidado com a natureza e pela zelo com a saúde.

É isso que nois mais quer, eu, o Celso, a Juliete e muitos outros que já tem uma consciência mais ampliada. Nois tamos mudando a cara da Umbanda e é assim que nois vamos nos fazer respeitar.

Sou Pai de Santo e Enfermeiro, sou Umbandista, e vivo a minha religião, minha prática é cuidar da natureza pra poder favorecer a saúde do meu povo. (Omolú entrevista dia 20 de outubro de 2012, grifos nosso)

7 FECHANDO OS TRABALHOS

Que parem os tambores cubram as folhas, guardem as raízes, descansem os médiuns que chegou a hora de fecharmos os trabalhos.

Assim como nos rituais umbandistas, é chegada a hora de encerrar nossa conversa. Portanto, faremos algumas considerações sobre a análise e discussões deste trabalho. Interromperemos pois estivemos diante de um objeto de estudo que nos instigou nessa escolha por serem nossos sujeitos de grande potencial para iniciarmos a pesquisa nos mais diversos campos de saber do humano, em suas dimensões: de saúde, religiosa, social, cultural, e principalmente de ser ‘humano’ com suas alegrias, certezas, conflitos e incertezas.

Reportamos-nos a questão das escolhas, tão discutidas desde Sartre onde o existencialismo nos faz crer responsáveis por nossas próprias escolhas evidenciando o fato de quando não a fazemos e sim permitimos que outros a façam por nós.

Assim, lembramo-nos e tomamos por empréstimo a Machado de Assis – contista celebre – que em seu alienista, nos mostra que a ciência ainda se engana, a ciência ainda se encontra Poe e por isso é preciso ir mais além.

Dessa forma, buscamos fazer nosso estudo; indo sempre além, analisando o ser humano em sua complexidade e a sua relação com o meio e as interferências que o meio pode lhe propiciar, entrelaçando, em uma visão holística: a educação ambiental, saúde e religião, em uma relação não hierarquizante, já que queríamos caminhar lado a lado com a finalidade de estudarmos a expressividade de um povo, suas necessidades, realizações, alegrias e significações necessárias no seu crescimento. Sentir a luta pelo orgulho de ser e fazer parte de uma minoria tão preocupada com as necessidades de uma maioria a qual não se parece importar com o desaparecimento de mais primordial para humanidade: a natureza.

É fato que, diante de todo o exposto neste estudo, que a Umbanda é uma religião de matriz africana onde seus princípios estão pautados na natureza e que sem ela a religião não sobreviverá e que a saúde de seus praticantes encontra-se diretamente relacionada a preservação da natureza, seja por um descaso de gestores que não se preocupam com a aplicabilidade de políticas públicas de saúde e meio ambiente não fazendo cumprir o que lhes é de direito ou por não se dá conta

da importância de se fazer manter viva através de resignificações a sua própria cultura e religiosidade.

Passeando pelo estudo podemos perceber que a preocupação de entrelaçarmos a historicidade encontrada nas bibliografias escolhidas com os sentimentos e vivência dos sujeitos desde os caminhos de chegada, caminhando por todos os encontros e desencontros que levaram a uma verdadeiro refazer de suas ideias que os conduziram a construir e reconstruir seus ritos analisando seus pontos de conflitos surgidos através da evolução dos tempos para resignificar sua cultura e demarcar seu território físico e social encontrando assim na educação ambiental a alternativa, surgida no apagar das luzes, para fortalecer suas ideias, e buscar na prática o favorecimento da saúde coletiva de do seu povo.

E não nos valeria de nada tanto amor e desprendimento pelo estudo se não deixássemos nossa contribuição e que a mesma não fosse visível na sua aplicabilidade.

Ver no Terreiro de Santana a criação e manutenção de canteiros, berços de plantas já não mais encontradas com tanta facilidade como outrora, observar a prática de estudos que fazem resignificar e desenvolver a sua cultura; só nos faz crer que nada no mundo nunca chega ao fim, pois fim é sempre um recomeço para tudo que se deseja nessa vida. E que certamente, Deus não é um gênero e se fosse seria feminino, pois só ele em sua magnitude tem a capacidade de gerar sempre e nunca permitir que nada se destrua por completo.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Vereda; PEREIRA, Almicar Araújo. **Histórias do movimento negro do Brasil**: depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007.

ALVES, Paulo César; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Saúde e doença**: um olhar antropológico. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994.

ANDRÉ, Marli D.A. **Etnografia da Prática Escolar**. 12ed. Campinas: Papyrus, 2005.

ARRUTI, José Maurício. **Mocambo**: antropologia e história do processo de formação quilombola. Bauru, SP: Edusc, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia**: rito nagô. Tradução Maria Isaura Pereira de Queiróz; revisão técnica Reginaldo Prandi. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BRASIL. **A Grande Refazenda**: África e Diáspora pós II CIAD – The great reavival: África and Diáspora post CIAD II./Edição Fundação Cultural Palmares; organização Valdemiro Santos Junior. 1.ed. Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2007.

BRUGNARA, Roque. **Pessoa humana e religião**. V. 1. São Paulo: FTD, 1995.

BONOME, José Roberto **Cultura e Religião** – Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2010

CARVALHO, José Jorge de. **Inclusão étnica e racial no Brasil**: a questão das cotas no ensino superior. 2ª edição. São Paulo: Attar Editorial, 2006.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

COIMBRA, José de Ávila Aguiar. **O outro lado do meio ambiente**: uma incursão humanista na questão ambiental. Campinas: Millennium, 2002.

COSTA, Marisa; SILVEIRA, Rosa; SOMMER, Luís. **Estudos culturais, educação e**

- pedagogia. Revista Brasileira de Educação.** Rio de Janeiro, ANPED, nº. 23 Maio/ Jun/ Jul/ ago, 2003.
- FERRETI, Sérgio Figueiredo. **Repensando o Sincretismo:** Estudo sobre a Casa das Minas; prefácio Reginaldo Prandi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; São Luís: FAPEMA, 1995.
- FERRETI, Sérgio. **Representando o sincretismo:** estudo sobre a Casa de Minas. São Paulo: Editora da USP; São Luís: FAPEMA, 1995.
- FIGUEIREDO e SILVA, Anaíza Vergolino e. **Alguns elementos novos para o estudo dos batuques de Belém. Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica.** Vol. 2 (Antropologia). Rio de Janeiro: CNPQ, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008 Coleção e Educação e Comunicação.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa/ Paulo Freire – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (coleção Leitura).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância.** Organização e notas: Ana Maria Araújo Freire – São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GEWANDSZNAJDER, F. Uma visão geral do método nas ciências naturais. In: ALVES-MAZZOTI, A. J; GEWANDSZNAJDER, F. (org.) **O método nas ciências naturais e sociais. Pesquisa quantitativa e qualitativa.** São Paulo: Pioneira Thomson, Learning, 2004, pp.3-9.
- GOMES, Flávio. **Palmares:** escravidão e liberdade no Atlântico Sul. São Paulo: Contexto, 2005.
- HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula:** visita à história contemporânea. 2. ed. rev. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** 2007. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: julho. 2011.

JAMES, C. L. R. **Os jacobinos negros**: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos. Tradução Afonso Teixeira Filho. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Boitempo editorial, 2007.

LABURTHER-TOLRA, P.: WAINER, J-P. **A pesquisa**. In: *Etnologia Antropologia*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 423 - 461.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e máscaras. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 130-150.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Tradução Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LOPES, Nei. **Dicionário escolar afro-brasileiro**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2006.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2006.

MAGNOLI, Demétrio. **Uma gota de sangue**: história do pensamento racial. 1. Ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Metodologia da investigação científicas sociais aplicadas**. Gilberto de Andrade Martins, Carlos Renato Theóphilo. – São Paulo: Atlas, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: _____ (Org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 23ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MORAES, Antônio Carlos Roberto. **Meio Ambiente e Ciências Humanas**. São Paulo: Huncitec, 1994.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 11 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO 2006.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. 1ª edição. 8ª reimpressão São Paulo; Companhia das Letras 2001.

PRANDI, Reginaldo. **Segredos guardados: Orixás na alma brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VALLA, Vitor Vicent (org.). **Religião e Cultura Popular**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

RICHARDSON, Roberto Jarry *et al.* **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. 3. Ed: São Paulo, Atlas, 1999.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930/1973)**. 26ª edição. Petrópolis, Editora Vozes, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma Ciência Pós-Moderna**. 4ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

SARACENI, Rubens; **Rituais Umbandistas: Oferendas, firmezas e Assentamentos**. São Paulo: Madras Editora, 2011.

SARACENI, Rubens; XAMAN, Mestre coordenadores. **Os Decanos: Os fundadores, mestres e pioneiros da Umbanda**. São Paulo: Madras Editora, 2003.

SKLIAR, Carlos. **Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Mediação, 1997.

SOUZA, Nelson Mello. **Educação Ambiental: Dilemas da Prática Contemporânea**. Rio de Janeiro: Thex, 2000.

SPINK, Mary Jane P. (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 2000.

TEIXEIRA, Elizabeth. **Cartografia simbólica do cuidado**: reflexões à luz do pensamento de Boaventura de Sousa Santos. São Paulo: Martinari, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto N. Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WALDMAN, Mauricio. **Meio Ambiente e Antropologia**. Coordenação José de Ávila Aguiar Coimbra. São Paulo: Editora Senac São Paulo 2006. (Serie Meio Ambiente; 6)

WHITAKER, Dulce C. A. **Sociologia rural**: Questões metodológicas emergentes. Presidente Venceslau, São Paulo: Letras à Margem, 2002.

WUNENBURGER, Jean-Jacques; ARAÚJO, Alberto Filipe. **Educação e imaginário**: introdução a uma filosofia do imaginário educacional. São Paulo: Cortez, 2006.

ZALUAR, Alba. **Integração perversa**: pobreza tráfico de drogas. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a),

Para fins de subsidiar a dissertação de Mestrado em Ciências Ambientais e Saúde da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC GOIÁS, sob a orientação da Professor Doutor Nivaldo dos Santos, estou realizando uma pesquisa cujo projeto tem por título “A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS TERREIROS: UMA PRÁTICA PARA O FAVORECIMENTO DA SAÚDE E PARA O FORTALECIMENTO DA CULTURA AFRICANA NOS CENTROS UMBANDÍSTICOS DE IMPERATRIZ-MA.”

A pesquisa tem por objetivo analisar a relação da cultura ritualística com a prática da educação ambiental e o processo da saúde nos terreiros de umbanda em Imperatriz/MA, discutir a correlação da natureza como fonte matriarcal nos processos ritualísticos da Umbanda com a prática da educação ambiental e o processo de saúde, verificar as possíveis formas de contribuição da prática da educação ambiental para manutenção e fortalecimento dos rituais umbandísticos nos referidos terreiros..

Para contribuir com este estudo, cabe convidá-lo (a) para participar como voluntário (a). O convite será para responder entrevistas com finalidade de conhecer a existência e as possíveis práticas de educação ambiental realizadas nos terreiros de umbanda da cidade de Imperatriz com o intuito de manutenção da saúde e a prevenção da religião no referido município. A fim de assegurar a sua privacidade quanto aos dados da pesquisa, inclusive aos que sejam porventura confidenciais, será garantido o sigilo de sua identidade. Caso aceite contribuir com este estudo, a sua assinatura deverá constar apenas neste Termo, cujo documento não será divulgado.

No que refere ao risco de participar desta pesquisa, cabe informar que terá que dispor de tempo, e poderá sentir-se constrangido (a) ao expor as fragilidades que envolvem a sua situação de fé. A pesquisadora assegura cuidado psicológico para aqueles que, de alguma forma se sentirem constrangidos ou prejudicados durante a pesquisa, através de acordo firmado com a Prefeitura Municipal de Imperatriz – MA no Centro de Apoio Psicossocial (CAPS). Todo custo com o trabalho e indenizações que venha a necessitar será de responsabilidade da pesquisadora.

A pesquisadora se compromete a resguardar a identidade e imagem do participante, assim como trabalhar cientificamente com os dados coletados. A pesquisadora terá o cuidado de realizar a entrevista em ambiente reservado à sombra (guarda-sóis e/ou tenda). Os entrevistados deverão permanecer de forma mais confortável possível.

Mesmo que não tenha benefícios diretos em participar, indiretamente poderão contribuir para elaboração de novas propostas que visem à melhoria da qualidade de vida dessa população e, ainda, para a aprendizagem, expansão e aplicação dos conhecimentos nas áreas de saúde e de educação ambiental, estimulando assim novas pesquisas que envolvam o tema para comunidade científica.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora – fone: (99) 91657575 ou (99) 81231212, a cobrar, ou pela Coordenação do Mestrado em Ciências Ambientais e Saúde da PUC GOIÁS – fone: (62) 3946 1346.

Imperatriz _____ de _____ de 2012.

Érika Ferreira Tourinho

Pesquisadora

Consinto em participar desta pesquisa e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento que foi lavrado em duas vias.



(Nome/assinatura do participante)

(Impressão digital)

APÊNDICE B: ACORDODE PARCERIA COM A PREFEITURA MUNICIPAL DE IMPERATRIZ-MA/ COORDENAÇÃO DE SAÚDE MENTAL / CENTRO DE APOIO PSICOSSOCIAL

DECLARAÇÃO DE PARCERIA

Declaro em nome da Coordenação de Saúde Mental do município de Imperatriz – MA ter conhecimento do Projeto de Dissertação de Mestrado intitulado: “A educação ambiental nos terreiros: uma prática para o favorecimento da saúde e para o fortalecimento da cultura africana nos centros umbandísticos de Imperatriz-MA”, de autoria da aluna Érika Ferreira Tourinho, enfermeira, pedagoga devidamente matriculada no curso de Mestrado em Ciências Ambientais e Saúde da Pontifícia Universidade Católica do Estado de Goiás, sob a orientação do professor doutor Nivaldo dos Santos garantindo-lhe parceria no que diz respeito ao apoio psicológico que se fizer necessário aos entrevistados da pesquisa.

Estamos também cientes e concordamos com a publicação dos resultados encontrados, devendo ser obrigatoriamente citados na publicação o Município de Imperatriz - MA como o local de realização da pesquisa.

Isabela Godinho
Coordenadora de Saúde Mental

Imperatriz - MA, 12 de março de 2012
(Local/data)

APÊNDICE C: ACEITE DE ORIENTAÇÃO

DECLARAÇÃO

Eu, Nivaldo dos Santos, aceito orientar o trabalho intitulado “A educação ambiental nos terreiros: uma prática para o favorecimento da saúde e para o fortalecimento da cultura africana nos centros umbandísticos de imperatriz-MA”, de autoria da aluna Érika Ferreira Tourinho, declarando ter total conhecimento das normas de realização de Trabalhos Científicos vigentes, estando inclusive ciente da necessidade de minha participação na banca examinadora por ocasião da defesa do trabalho. Declaro ainda ter conhecimento do conteúdo do projeto ora entregue para o qual dou meu aceite pela rubrica das páginas.

Imperatriz - MA, 05 de dezembro de 2011

**Assinatura e carimbo
NIVALDO DOS SANTOS**

ANEXO

ANEXO A: PARECER TÉCNICO DE APROVAÇÃO PELO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP)

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

Centro Universitário do Maranhão –UniCEUMA

PROJETO DE PESQUISA

Título: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS TERREIROS: UMA PRÁTICA PARA O FAVORECIMENTO DA SAÚDE E PARA O FORTALECIMENTO DA CULTURA AFRICANA NOS CENTROS UMBANDÍSTICOS DE IMPERATRIZ-MA.”

Área Temática:

Pesquisador: Érika Ferreira Tourinho

Versão: 2

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/Goiás

CAAE: 02001912.0.0000.5084

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 43487

Data da Relatoria: 25/06/2012

Apresentação do Projeto:

No contexto sócio-político e cultural brasileiro, mais especificamente no que se refere à religiosidade, sabe-se que o Brasil é um país ecumênico, onde a laicidade é um direito constitucional. No entanto isso não se efetiva na prática, por isso podemos afirmar que se vive, uma pseudodemocracia arreada a preconceitos religiosos, principalmente contra os praticantes de religiões de matriz e africana. A Umbanda por sua vez, única religião tipicamente brasileira, tem como característica base do seu crêdulo a natureza e seus elementos, água, ar, fogo, terra e plantas, sendo que nenhum ritual umbandístico acontece sem a presença de um desses elementos e sem a existência dos mesmos certamente não haveria os ritos da Umbanda nem tão pouco os cuidados com a saúde tanto na forma preventiva quanto curativa através de suas ervas medicinais. Assim, embasado nas questões saúde, educação e cultura é que este trabalho vislumbra a uma prática da educação ambiental nos terreiros de umbanda como fortalecimento da cultura africana e para o favorecimento de uma vida saudável a partir de técnicas alternativas de cuidado. Por tanto, é através da educação ambiental que se pode alcançar uma prática de inter-relação que dá início a um projeto educativo alcançando assim os objetivos, trabalhando em uma perspectiva de mudança para sobrevivência da cultura Umbandística com aplicabilidade para favorecer o bem estar de uma vida saudável. O método a ser utilizado na pesquisa será o estudo etnográfico que consiste na aplicação da abordagem etnográfica ao estudo de caso, que possibilitará uma análise ampla e profunda das significações, linguagem e práticas culturais. O campo de pesquisa escolhido para o estudo foram os terreiros de Umbanda da cidade de Imperatriz no Estado do Maranhão. A escolha foi intencional por já ter conhecimento da referida

área como fonte de pesquisa anterior no meio educacional vivenciando uma prática diária do uso de recursos naturais como base para os rituais religiosos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar a relação da cultura ritualística com a prática da educação ambiental e o processo da saúde nos terreiros de umbanda em Imperatriz-MA.

Objetivo Secundário:

Investigar os processos ritualísticos da Umbanda desenvolvidos em terreiros de Imperatriz/MA; Discutir a correlação da natureza como fonte matricial nos processos ritualísticos da Umbanda com a prática da educação ambiental e o processo de saúde; Verificar as possíveis formas de contribuição da prática da educação ambiental para manutenção e fortalecimento dos rituais umbandísticos nos referidos terreiros.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Diante das pesquisas referidas, acredita-se que o sujeito terá como principal benefício a prática da educação ambiental e saúde nos terreiros de Umbanda em Imperatriz, aprendendo a preservar sua cultura através de uma prática ambiental.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto Aprovado

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados de forma adequada.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Situação do Parecer:

Aprovado.

Necessita Apreciação da CONEP:

Não.

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto aprovado.

SAO LUIS, 25 de Junho de 2012.

Assinado por:

Vinicius José da Silva Nina